

3.

A Visão eclesial de Vicente Pallotti e seu Contexto Histórico

Partindo da análise da pesquisa sobre a Mobilidade Religiosa no Brasil, cabe neste segundo capítulo dar mais um passo na proposta deste trabalho, onde diante dos desafios que emergem da pesquisa, torna-se interessante passar a apresentar a pessoa de Vicente Luiz Francisco Pallotti, mais conhecido como Vicente Pallotti, sua obra e toda a sua contribuição para a Igreja do seu tempo e atualizar a sua contribuição para as questões atuais. Mas por que estudar a sua pessoa e obra? Será que sua teologia tem algo a dizer à realidade da Mobilidade Religiosa?

Em um primeiro momento pode-se pensar que não, pois Vicente Pallotti viveu em uma outra época da história, mas aprofundando seus escritos percebe-se que sua obra contribuiu para o seu tempo e contribui para os tempos atuais. Nesta pesquisa teológica não caberá apresentar uma biografia de Vicente Pallotti, mas sua contribuição à Igreja do seu tempo e a atualização do seu carisma para a realidade da Mobilidade Religiosa.

Para entender sua novidade eclesial necessita-se percorrer, primeiramente, a sua identidade, a estrada deste passado próximo e ver de perto a dialética entre a Igreja e a sociedade liberal e Igreja tradicional. Situação bem parecida, levando em conta as devidas proporções, do tempo atual. Por isso, nas próximas páginas serão apresentadas sua vida e obra, a mentalidade apologética vinda do Tridentinismo e do centralismo Ultramontano que, como herança, perpassam as suas idéias eclesiais.

No desenrolar deste trabalho irá aparecer à alegria da novidade, os seus fundamentos, a repercussão positiva desta idéia, as dificuldades, os campos da missão e a busca da grande unidade. O dinamismo da fé e da caridade e as idéias de salvação são chaves hermenêuticas que perpassam constantemente a sua eclesiologia. O carisma e a profecia que brotam dessa iniciativa eclesiológica nos interrogam sobre aquilo que herdamos hoje, não sobre a viabilidade do apostolado para todos, mas sobre a unidade do apostolado de todos dentro da Igreja.

Este homem, do século XIX, com sua força interior, já anunciava profeticamente o século XX. Um homem que soube analisar os ‘sinais dos tempos’ de sua época, sendo aberto às moções do Espírito, antecipou em cem anos o Concílio Vaticano II, com as suas idéias e o seu carisma.

Reavivar a fé e reacender a caridade: eis o carisma da União do Apostolado Católico. Carisma este que, em tempos de Mobilidade Religiosa no Brasil, pode contribuir para um impulso missionário em todo Povo de Deus, sejam eles Bispos, padres, religiosos, religiosas, leigos ou leigas.

3.1.

Vicente Luiz Francisco Pallotti: seu tempo, sua vida e sua vocação

Uma definição sobre a pessoa de Vicente Pallotti encontra-se no Preâmbulo da Lei da Sociedade do Apostolado Católico que diz:

Em cada época, Deus dota homens e mulheres com carismas do Espírito Santo, para a continuação da missão salvífica de Cristo, para o bem dos homens e edificação da Igreja.

São Vicente Pallotti (1795-1850) pertence ao número daqueles que, na primeira metade do século XIX, Deus enriqueceu com seus dons e inspirações, a fim de que fossem de auxílio à Igreja no cumprimento de sua missão.

Diante do agravamento dos problemas de fé enfrentados pela Igreja naquele tempo, e diante da multiplicação de suas tarefas na difusão do Evangelho em terras de missão, ele percebeu a urgência de reavivar a fé e de reacender a caridade entre os católicos e de levar todos os homens à unidade da fé em Cristo.

Para tal fim julgou indispensável garantir a colaboração de todos os membros da Igreja, quer do clero quer do laicato, e unir os esforços de todos para promover mais eficazmente sua missão apostólica.

Ele, em verdade, estava convencido de que todos os membros do povo de Deus são chamados ao apostolado, como dever decorrente do preceito da caridade – o maior mandamento do Senhor – que move a todos a cuidar da salvação do próximo como da própria.

Ele sabia, ademais, que as iniciativas individuais teriam maior eficácia, se unidas e dirigidas a um fim comum. Por isso fundou a União do Apostolado Católico e confiou-lhe a tarefa de despertar em todos os católicos uma profunda consciência da própria vocação ao apostolado e de reavivar neles a caridade para leva-los à plena atuação.¹

¹ LEIS DA SOCIEDADE DO APOSTOLADO CATÓLICO. *Preâmbulo*, Santa Maria, Pallotti, p. 13-14.

Com este preâmbulo, pode-se apreender, em uma visão geral, todo o desenvolvimento da Obra de Vicente Pallotti. Cabe ainda esmiuçar alguns dados bibliográficos necessários para o bom andamento deste trabalho.

Vicente Luis Francisco Pallotti nasceu em Roma, no dia 21 de abril de 1795. Era filho de Pedro Paulo Pallotti e de Maria Madalena De Rossi. Realizou seus estudos primários na escola São Pantaleão e os secundários no Colégio Romano. Doutorou-se em Filosofia e Teologia na Universidade Sapienza. Foi ordenado sacerdote na Basílica São João de Latrão, no dia 16 de maio de 1818. Como sacerdote desenvolveu suas atividades apostólicas em Roma e arredores.

No dia 04 de abril de 1835, fundou a União do Apostolado Católico e nos anos sucessivos constituiu a comunidade dos Sacerdotes e dos Irmãos do Apostolado Católico (Palotinos) e a comunidade das Irmãs do Apostolado Católico (Palotinas). Morreu no dia 22 de janeiro de 1850. Foi canonizado no dia 20 de janeiro de 1963, durante o Concílio Vaticano II.²

Um homem nunca pertence exclusivamente a sua época, e esse é bem o caso de Vicente Pallotti. Ele escapa também em parte das mentalidades de uma época histórica, tornando-se um tipo de “contemporâneo do futuro”. Ele o é não somente porque ultrapassou seu tempo, como é normal ouvir sobre os fundadores, mas porque foi plenamente homem de seu tempo e, consciente de compor somente uma “Obra inacabada”³, envolveu todos seus discípulos para perseguir a realização de sua fundação.

Com efeito, no seu testamento espiritual “*Nella mia morte*”⁴, Pallotti implora:

Rogo, agora e sempre, e entendo continuar a rogar também depois de minha morte, que se aproxima sempre mais, à vossa caridade e ao zelo religioso, ó padres e irmãos caríssimos em Nosso Senhor Jesus Cristo crucificado, que vos empenheis tanto pela definitiva instituição e pela mais rápida e profícua propagação da pia Sociedade, como

² Cf. AMOROSO, Francesco. **São Vicente Pallotti Romano**, Santa Maria:Biblos, 2006, pp.21-30.

³ Pode-se dizer que a *União do Apostolado Católico*, a sinfonia inacabada de Vicente Pallotti, como aquela de seu contemporâneo Franz Schubert (1797-1829), comporta somente dois movimentos: *allegro moderato* e *andante com moto*. Ela espera ainda, de cada geração palotina, o terceiro movimento que faz parte de qualquer sinfonia: *o allegro vivace!* Tomanos emprestada a expressão de Pe. Henri HOSER que fez uma conferência em Nairobi em 1995: “União do Apostolado Católico, a sinfonia inacabada de S. Vicente Pallotti”, in LÔNDERO, Ângelo (org.). **Horizontes Palotinos**. Santa Maria: Biblos, 2002, p. 383-391.

⁴ Cf. OO CC III, 23-33.

se vós tivésseis sido escolhidos por Nosso Senhor Jesus Cristo para serdes seus fundadores, propagadores e mantenedores nesta terra e válidos intercessores, quando a divina misericórdia vos colocar no reino eterno da glória. E fazei por interessar-vos por ela o quanto possível, o quanto se interessaram todos os santos fundadores e fundadoras da fundação, propagação e manutenção dos seus respectivos diferentes institutos⁵.

Eis porque o Papa Pio XII, dirigindo-se ao Reitor Geral dos palotinos antes da beatificação de Vicente Pallotti, escreveu: “Ele vos deixou em herança não somente o que já tinha empreendido com sucesso, mas também o que ele sonhava”⁶.

O seu ideal era o Apostolado Universal, visão ainda desconhecida em seu tempo, na qual as tarefas apostólicas eram reservadas apenas aos sacerdotes, religiosos ou aos bispos. Em vez disso, Vicente Pallotti intuía que todos os batizados – sacerdotes, religiosos e religiosas e leigos em geral, pessoas de todas as camadas sociais e idades – participassem do papel missionário da Igreja, de maneira viva. Principalmente os leigos.

O Papa Paulo VI durante suas férias de verão de 1963⁷, por ocasião do tríduo em honra ao novo santo Vicente Pallotti, realizou uma visita ao Catedral de Frascati, onde presidiu a celebração eucarística e proferiu uma homilia destacando as iniciativas de Pallotti.

Todos vós sabeis o motivo da minha presença no meio de vós. Estou aqui para honrar um Santo que Frascati pode inscrever entre os seus cidadãos honorários: São Vicente Pallotti [...] ele foi um precursor: ele antecipou de quase um século a descoberta. A

⁵ OO CC III, 28-29. BAYER, Bruno e ZWEIFEL, Joseph. (org.). **Documentos da Fundação**. Santa Maria, p. 260.

⁶ **Il Beato Vincenzo Pallotti e la sua Opera**. Número único da Província Regina degli Apostoli, Roma, 1950. in STAWICKI, Stanislaw, A cooperação, paixão de uma vida, Biblos, Santa Maria, 2007, p. 66.

⁷ Durante as férias de verão daquele ano, Paulo VI achava-se em Castel Gandolfo, lugar de veraneio dos papas. No dia 1º de setembro, ele quis ir até a vizinha cidade de Frascati, para venerar o corpo de São Vicente Pallotti, exposto na Catedral. O corpo tinha sido levado de Roma a Frascati e colocado à veneração dos fiéis daquela cidade porque Pallotti esteve sempre muito ligado à mesma. Ali passara, muitas vezes, suas férias de verão, na casa de sua tia, onde tinha celebrado sua primeira missa e pregado também muitas missões populares. Para honrar o novo santo, foi organizado um tríduo na Catedral. No último dia do mesmo, que era domingo, apareceu Paulo VI. Durante a celebração eucarística, por ele presidida, pronunciou uma importante homilia na qual destacou o profetismo e o pioneirismo de Pallotti. Tal homilia reveste-se de particular importância, pois foi pronunciada entre a primeira e a segunda sessão do Vaticano II. Aborda muitos pontos importantes a respeito do apostolado leigo, inseridos, posteriormente, nos documentos conciliares que tratam dos leigos. **Lumen Gentium** foi publicada em 21 de novembro de 1964 e **Apostolicam Actuositatem** em 18 de novembro de 1965.

descoberta que, também no mundo dos leigos, existe uma grande capacidade de bem, este mundo antes era passivo, sonolento, tímido e incapaz de expressar-se. É preciso dizer que este Santo, ao percutir esta consciência do laicato, fez brotar energias novas, deu ao laicato consciência de suas possibilidades de bem e enriqueceu a comunidade cristã de uma quantidade de vocações. Não só aceitação passiva e tranqüila da fé, mas profissão ativa e militante desta mesma fé.

O nosso Santo, e é o lado genial da sua visão espiritual e social, viu que o leigo pode tornar-se elemento ativo. É um dos argumentos mais repetidos e mais desenvolvido desde que a Ação Católica, desde que o vitalismo espiritual, comunicado também aos leigos dos nossos dias, se tornou uma lição comum da nossa história religiosa. Mas, como dizia, ainda não é suficientemente pregada e nem é suficientemente compreendida.

Os leigos devem elevar-se a esta consciência, que é dada, como sabeis, não somente pela necessidade de alongar os braços, eu diria, do sacerdote que não chega mais a todos os ambientes e já não dá conta de todas as tarefas. Ela provém de algo mais profundo e de mais essencial, isto é, do fato que também o leigo é cristão. Ela nasce do interior da sua consciência. Ele diz: “se eu sou cristão, devo professar esta minha graça e esta minha vocação. Se sou cristão, não devo ser um elemento negativo e passivo e neutro e, talvez, oposto à onda de espírito que o cristianismo põe nas almas. Devo também eu imergir-me e, diria, ser quase arrastado pela circulação da graça. Devo tornar-me também eu, leigo, capaz, se não puder fazer outra coisa, de aderir, de ajudar, de fazer eco...⁸.

Um dos grandes benefícios que Pallotti trouxe para a Igreja universal foi despertar para a consciência do laicato. Vicente Pallotti percebeu, em primeiro lugar, o vazio, o vácuo moral e espiritual do seu tempo e intuiu que é preciso despertar a sociedade cristã para a sua missão, onde todos somos responsáveis.

Em tempos de Mobilidade Religiosa brasileira, esta consciência que o laicato deve ter de sua responsabilidade deve ser despertado em todos os membros da Igreja, sejam eles bispos, padres, religiosos, religiosas, leigos e leigas.

O Concílio Vaticano II, através do Decreto “*Apostolicam actuositatem*”, afirmou um século depois de Pallotti sobre o agir pastoral dos leigos, sobre sua vocação para fermento de transformação do mundo, sobre sua participação na comunidade local. Destaca-se a responsabilidade específica dos leigos:

O Santo Concílio, desejando tornar mais intensa a atividade apostólica do povo de Deus, volta-se de maneira solícita aos cristãos leigos, cuja responsabilidade, específica e absolutamente necessária, na missão da Igreja, já lembrou em outros documentos. Pois o apostolado dos leigos, decorrente de sua vocação cristã, nunca pode faltar à

⁸ PAULO VI PP. **Homilia na Catedral de Frascati**. Disponível em http://www.vatican.va/holy_father/paul_vi/homilies/1963/documents/hf_pvi_hom_19630901_it.html. Acessado em 12 de dezembro de 2007.

Igreja. As Sagradas Escrituras provam abundantemente quão espontânea e fecunda foi esta atividade nos primeiros tempos da Igreja.⁹

A novidade trazida por Pallotti está na maneira de conceber e exercer a ação apostólica, pois dentro de uma Igreja totalmente dominada pela hierarquia, em que os leigos não tinham espaço e nem participação ativa, ele insistiu em que todos, independentemente do seu estado, da sua condição ou do seu lugar na Igreja, são chamados a participar ativamente da ação apostólica. E isto pelo fato de serem criados à imagem e semelhança de Deus.

Vicente Pallotti nunca teve a intenção de elaborar, de forma sistemática, uma doutrina teológica sobre o apostolado universal. Mesmo assim, encontram-se, nos seus escritos, muitos elementos e princípios que, organicamente unidos, podem constituir uma base segura de doutrina sobre o apostolado.

Para afirmar e defender que todos os cristãos podem e devem participar da missão salvadora de Cristo, isto é, do apostolado de Jesus Cristo, Pallotti não partiu dos sacramentos do batismo e da crisma, como o fez, mais de um século depois, o Concílio Vaticano II, especialmente no Decreto sobre o “Apostolado dos Leigos”, e como o fizeram os posteriores documentos ligados ao tema.

Pallotti não parte de um princípio sacramental, mas de um princípio “ontológico”, isto é, do princípio de que “todas as criaturas vivas, presentes e futuras, atuais ou possíveis devem tributar a Deus todo louvor e glória, existente ou possível”¹⁰. Isto é, defende o fato de que todo o ser humano, por ser imagem e semelhança de Deus, já participa desta missão. Está na sua essência glorificar a Deus pelos seus atos. Assim, para Pallotti, o ser do homem já fundamenta a sua participação no apostolado de Jesus Cristo.

Além desse princípio, Pallotti coloca outros que fundamentam a sua concepção de apostolado: o preceito da caridade que o Senhor deu a todos, pois por amor, o homem deve buscar a salvação do próximo como também a sua; o dever que todos têm de imitar Jesus Cristo, o Apóstolo do Pai. A imitação de Jesus Cristo para Pallotti significava cooperar com Deus para a salvação da humanidade.

⁹ CONCÍLIO VATICANO II. Decreto **Apostolicam actuositatem**. Petrópolis: Vozes, 1968, No. 1.

¹⁰ HETTENKOFFER, Giovanni (Ed.). **Propositi ed aspirazioni del Vincenzo Pallotti**. Roma: San Salvatore in Onda, 1922, p.31.

Com efeito, nas Meditações de cada dia, Ele afirma que “entre todas as divinas perfeições que Deus comunica às suas criaturas, a mais divina é o dom de cooperar na salvação das Almas”¹¹. E o exemplo de Maria, Rainha dos Apóstolos que, não sendo apóstola, desempenhou muito bem o seu papel na História da Salvação.

Enfim, Vicente Pallotti era profundamente convicto de que todos são chamados a participar nesta missão e por isso, em 1835, fundou a União do Apostolado Católico para reavivar a fé e reacender a caridade dos fiéis. Assim, enfrentou muitos desafios, os quais serão adiante comentados.

3.1.1.

A Igreja e a Sociedade Moderna

Para compreender a eclesiologia de Vicente Pallotti, se faz necessário ter presente à dialética existente entre a sociedade liberal burguesa e a Igreja. São essas duas grandes forças que se medem entre si: uma é a sociedade liberal que, com os seus princípios e forma de vida, penetra a consciência moderna como se fosse o seu campo natural; a outra é a Igreja oficial que, por sua vez, procura responder aos problemas da época com a bandeira da restauração.

A modernidade busca as suas raízes no Renascimento, na Reforma Protestante, no Iluminismo¹², “especialmente em Emanuel Kant, que se empenhou decididamente pela autonomia da razão, contra tudo o que não fosse estritamente racional”¹³. Mas foi

¹¹ OO CC XI, 256.

¹² O Iluminismo ou Ilustração, uma das marcas importantes do séc. XVIII que traduzia-se como o Século das Luzes, via nas “Luzes” o poder da razão humana de interpretar e reorganizar o mundo. O otimismo com respeito à razão já era prenunciado desde o Renascimento, contra o teocentrismo medieval e o princípio da autoridade. No séc. XVII o racionalismo e a revolução científica acentuaram essa tendência, de modo que no Século das Luzes o indivíduo se descobre confiante, como artífice do futuro, e não mais se contenta em contemplar a harmonia da natureza, mas quer conhecê-la para dominá-la. Era uma natureza dessacralizada, desvinculada da religião, que reaparecia em todos os campos de discussão no século XVIII. Na moral se buscavam formas laicas, que permitissem a naturalização do comportamento humano, a espontaneidade do sentimento e a importância das paixões como vivificadoras do mundo moral. Na religião, o deísmo é uma espécie de “religião natural” em que não haveria lugar para os dogmas e fanatismos. Os filósofos deístas não aceitavam a revelação divina nem rituais de culto, admitindo que Deus era apenas o Primeiro Motor, o Criador do Universo. A Revolução Francesa, em 1789, reflete essas idéias e as legitima quando propõe-se a combater a privilégios hereditários e defender os princípios de “igualdade, liberdade e fraternidade” de uma França desigual.

¹³ FORTE, B. **Teologia della storia**. Milano: Paoline, 1989, pp. 290-292.

em G. F. Hegel que a modernidade elaborou “um sistema totalitário, idealista, uma visão global do mundo e da história onde tudo deveria ser otimisticamente, perfeitamente, enquadrado... as ciências positivas..., fundamentadas no seu a priori racional (a hipótese), representam o triunfo da racionalidade”¹⁴.

O homem moderno proclama a sua maioridade começa a confiar nas suas capacidades, a criar e a recriar o artístico, o econômico, o político e novos horizontes humanísticos; sente-se dono do seu entendimento e dos seus projetos; pela sua ‘razão adulta’ crer poder abraçar toda a realidade, o próprio homem, o mundo e a história. Nessa plenitude do racional, o absolutamente outro não encontra mais o seu lugar no meio dos homens e do cosmo. Endeusando a natureza com a autonomia da razão, pretende ultrapassar a própria história, ser fim em si mesmo e “medida e árbitro de todas as coisas”¹⁵. O homem enciclopédista busca os direitos da razão “através de uma crítica implacável às opiniões feitas, às autoridades sagradas, à ‘superstição religiosa’, à Bíblia, a toda crença sobrenatural”¹⁶; rejeita os princípios perenes¹⁷, a dependência religiosa, o domínio teocrático; “aborrece o dogmatismo religioso que, segundo ele, é responsável por excessos, abusos e crimes”¹⁸.

O século XIX caminha sob o signo da modernidade, cujo fruto amadurecido é a secularização¹⁹. Vive-se o século áureo do laical, isto é, do homem que quer libertar-se das estruturas monárquicas e religiosas, do clerical²⁰. A sociedade laical quer caminhar com os próprios pés, resolver seus problemas sem qualquer interferência da sociedade religiosa, que, até pouco, tentou “dar sentido ao conjunto da vida, mas sozinha”²¹. O racionalismo laical é responsável pelos novos humanismos, pela

¹⁴ Idem.

¹⁵ O lema do “Século das Luzes” é este: ‘Sapere aude’, tenha coragem de usar o teu próprio entendimento (Kant 1784); Cf. CONGAR, Y. **Église Catholique et France moderne**. Paris: Hachette, 1978, pp-27-28.

¹⁶ CONGAR, Y. Op. Cit., p. 26.

¹⁷ KEHL, M. **La Chiesa**. Milano: San Paolo, 1995, p.159-160.

¹⁸ CONGAR, Y. Op. Cit., p. 28.

¹⁹ Secularização é o “resultado lógico das idéias iluministas que, a partir de 1750, se desenvolveram na França com Voltaire, Rousseau, Diderot, com os Enciclopedistas e filósofos racionalistas”. Todos esses mentores basearam-se no direito natural, na igualdade para todos; Cf. LORTZ, J. *Storia della Chiesa*. Milano: Il Saggiatore, 1989, p. 125.

²⁰ Cf. CONGAR, Y. **Entretiens d’automne**. Paris: du Cert, 1987, pp. 37-38.

²¹ CONGAR, Y. Op. cit., p. 35.

mudança de valores, pela passagem da heteronomia para a autonomia, do teocentrismo para o antropocentrismo.

Diante deste novo modelo de sociedade, o poder sacerdotal caiu vertiginosamente e parece não encontrar mais sentido e nem identidade. A Igreja, que até então se chamava mãe e mestra dos povos, depositária e distribuidora dos bens divinos, orientadora das consciências, agora é suplantada por um antropocentrismo subjetivista que gera em si mesmo o individualismo, origem do homem pragmático e utilitarista²²; é suplantada pelo Estado, que se identifica com a nação. É ao “Estado nacionalista, organizado, eficaz, cada vez mais onipresente...”²³ que toda a sociedade, inclusive a Igreja, deve submissão e servilismo.

Na época de Pallotti, a Igreja não tinha tomado suficiente consciência da importância dos acontecimentos históricos, das mudanças radicais da sociedade, de seus problemas, valores e propostas. Ela custou a acreditar que a sociedade era outra, não mais vinculada ao mundo da fé, aos princípios religiosos perenes, nem dependentes das estruturas hierárquicas. Era muito difícil para a Igreja entender a nova fisionomia do homem, marcada pelo racionalismo liberal e pelo materialismo econômico e social.

Por isso, bem mais fácil foi assumir atitudes de ‘cidade sitiada’, isto é, deixar-se invadir por um total pessimismo e desapontamento perante o mundo, defender-se e contra-atacar. Ver-se atacada em diversas frentes, tanto “nas suas posses, direitos e poder temporal, como em sua fé, em seus princípios perenes..., parece uma “maldição”, no dizer de Gregório XVI..., uma conspiração de ímpios e malvados, que querem perder e destruir a Igreja e o nosso total desaparecimento”²⁴. “Experimentamos uma espécie de terror, diz Pio IX, ao contemplarmos as condições funestas da humanidade”²⁵.

²² “Helvetius, Holbach e Bentham secularizam a moral e criam uma ciência dos costumes, baseada no interesse do indivíduo e na utilidade social”; Cf. LEFEBVRE, G. **A Revolução Francesa**. São Paulo: IBRASA, 1966, p.70.

²³ COMBLIN, J. **A Revolução Francesa – Revolução Burguesa**. In: Concilium 221 (1989) 1, p. 65.

²⁴ GREGÓRIO XVI. **Mirari vos** (08-05-1844). In: Tutte lê encicliche dei Sommi Pontefici, vol. I. Milano: dall’Oglio, 1959, p. 186-188..

²⁵ PIO IX. **Qui pluribus**, (09-11-1846). In: Tutte lê encicliche dei Sommi Pontefici Milano: dall’Oglio, 1959, p. 217-229.

Contudo, apesar de todo essa situação, naquela mesma época, alguns homens da Igreja tentaram dialogar com a sociedade liberal. Afinal, nem tudo estava perdido, nem tudo era ‘ímpio’, nem tudo era “contra o edifício da fé católica, contra o reino da são doutrina”²⁶. Na história, no mundo dos homens, continuava-se a ser criativo e fecundo. Aparece um fervilhar de idéias e movimentos, de criações culturais e científicas, de valores notoriamente democráticos, humanos e também cristãos. Há valores ‘leigos’ que vêm do Evangelho.

Então, por quê os medos, os ressentimentos ou os fechamentos da parte da Igreja hierárquica, “quando seus fiéis estabeleciam um vaivém entre ela e as correntes do mundo”²⁷? Muitos, inclusive Pallotti, são apontados por Congar como homens preocupados com a transformação cristã da sociedade, homens incluídos entre os criadores de cultura, de saber, de iniciativas sociais; encontramos homens que dialogavam com a ciência, com a política federativa italiana²⁸; há homens como Schleiermacher, protestante, pai do romantismo cristão, que tenta dar uma resposta ao moralismo racionalista Kantiano e, “valorizando o sentimento desprezado por Kant, funda uma religião, não sob o império da moral, mas na dependência de Deus”²⁹. A própria Revolução Francesa, no pensar de Paulo VI, “debateu-se, muitas vezes, por valores cristãos” e democráticos, como a liberdade humana, a igualdade e fraternidade³⁰.

3.1.2

A reação da Igreja foi firmar-se na autoridade

Assoberbada com a complexidade do Estado Pontifício, com as controvérsias sobre a infabilidade e a soberania pontifícias, a hierarquia da Igreja parece ter percebido que a modernidade surgiu, entre outras fontes, como reação a uma

²⁶ Idem.

²⁷ CONGAR, Y. Op. cit., p.33.

²⁸ Como Newman, Von Ketteler, Kolping, Lacordaire, Duchesne e Ozanan; A. Rosmini são todos interessados na unificação italiana; Cf. JEDIN, H. **Storia della Chiesa**, vol. VIII/2. Milano: jaca Book, 1985, p. 64-84.

²⁹ MARTINA, G. **La Chiesa, nell'està dell'assolutismo, Del liberalismo Del totalitarismo**. Brescia: Morcelliana, 1970, p.638.

³⁰ PAULO VI. **Alocução** (01-09-1963). In: Documentation catholique, 60 (1963), p. 3-5.

estruturação religiosa monopolista; não percebeu que o mundo até podia sentir necessidade da sua presença, mas jamais a aceitaria como sua competidora e rival³¹. Por isso, Congar é do parecer que a Igreja entro nos tempos modernos demasiadamente apoiada na herança do passado, demasiadamente preocupada com os referenciais de cristandade, isto é, com o poder sacerdotal³², tornando-se inflexível. A virada histórica abalou os alicerces de sua soberania teocrática, perdendo ela a sua hegemonia perante o homem e a sociedade ocidental. E no momento em que o tapete do poder religioso-temporal estava sendo tirado debaixo dos seus pés, como única saída plausível, a Igreja romana achou por bem firmar-se na autoridade, respondendo ao mundo moderno com a bandeira da Restauração³³.

O Ultramontanismo³⁴, “L’orientamento oltra i monti verso Roma”, é o nome de batismo do maior movimento restauracionista do século XIX, nascido de católicos franceses e alemães, cujos protagonistas foram de Jseph de Maistre, Louis de Bonald, Felicite de Lamennais, Ludwig Von Haller³⁵. O Ultramontanismo é um sistema religiosos-político eminentemente carismático e proselitista, com grande penetração nas diversas camadas sociais e religiosas, principalmente no mundo laical-intelectual europeu. Esses homens sonhavam com uma nova era, com um novo modelo de civilização mundial, com um poder político religioso para transformar o continente europeu secularizado e laicizado numa sociedade cristã. Para concretizar esse projeto idealizaram uma restauração audaciosa e eficiente, uma nova teocracia medieval, segundo o modelo Gregório VII. O Papa era visto como um soberano político para toda a Europa cristã e um soberano espiritual e infalível para a Igreja universal³⁶.

³¹ Cf. CONGAR, Y. op. cit, p. 21.

³² Cf. CONGAR, Y. op. cit, p.30.

³³ Por “Restauração” entende-se a conquista, no campo religioso e político, dos sistemas do passado. “É a luta da velha monarquia e da religião contra as idéias revolucionárias de liberdade e nacionalismos de estilo Bonaparte que predominam, principalmente, nos anos 1815-1840...”; Cf. Enciclopédia Italiana. Roma: Treccani, vol. XXIX. 1949, p.126-127.

³⁴ Ultramontanismo: “L’orientamento oltra i monti verso Roma”, movimento centralista e curialista papal, que envolve a liderança católica, principalmente da França, Alemanha, Itália, e que visa a transformar o continente europeu laicizado em uma nova cristandade segundo o modelo Gregório VII; Cf. AA. VV. **Storia Ecumênica della Chiesa**, vol. III. Torino: Queriniana, 1981, p. 385.

³⁵ BONALD, L. de (1754-1840) “tinha um único objetivo: destruir a obra do séc. XVIII e restaurar a crença na monarquia, que é de direito divino, e a obediência social no catolicismo”; Cf. CONGAR, Y. **L’Ecclesiologie du haut Moyen Age**. Paris, 1968, p. 81.

³⁶ Cf. HERNANDEZ, F. M. **La Iglesia em la historia**. Madrid: Benzal, 1990, pp. 162-164, 187-201; LORTZ, J. op. cit., vol. II pp. 403-405.

“Trata-se essencialmente de uma restauração do catolicismo, identificado com uma autoridade e, praticamente, com a autoridade do Papa”³⁷.

Nesta neo-cristandade piramidal, o ponto determinante da sociedade européia é, mais uma vez, o mundo da fé nas mãos da autoridade religiosa, um novo império religioso-político, plenamente independente e determinado. A autoridade soberana e infalível do Papa “é norma para o julgamento individual em relação à fé”, como também é o eixo determinante da vida social. A soberania papal, neste projeto, está no cume da pirâmide por ser ela que dá sentido a todos os segmentos da vida religiosa e social³⁸. A soberania e a autoridade do Papa são vistas pelos ultramontanos como fundamento de unidade e de fé³⁹. Diante desta fascinante proposta, o “Ultramontanismo foi, sistematicamente, encorajado por Roma, principalmente pelos Papa Gregório XVI e Pio IX”⁴⁰.

A Igreja passa pela tentação do poder. No momento em que o poder político temporal lhe parecia escapar das mãos, a Igreja toma consciência das suas forças internas. É através da Neo-Escolástica, “a outra restauração teológica, restauração esta no sentido mais forte da palavra”⁴¹ que a Igreja confirma a centralização. É por este centralismo e globalização sem precedentes que o Ultramontanismo se internacionaliza⁴². Roma torna-se luz, ponto de referência para todas as Igrejas particulares, para todos os seminários e centros teológicos do mundo. De Roma se projeta uma única formação teológica, disciplinar, litúrgica. Neste expansionismo romano, assumem primazia nas escolas teológicas as disciplinas canônicas e apologéticas⁴³ que não passam de apologias à Sé Romana e ao papado, uma verdadeira hierarcologia⁴⁴. Com o Ultramontanismo, principalmente através do seu principal protagonista J. De Maistre, “começa a corrida de uma teoria da autoridade e,

³⁷ CONGAR, Y. Op. cit., p.415.

³⁸ CONGAR, Y. Op. cit., p.416.

³⁹ ANTON, A. *El misterio de la Iglesia*, vol.II. Madrid: BAC, 1986, p. 128.

⁴⁰ AA. VV. *Storia ecumênica della Chiesa*, vol. III. Brescia: Queriniana, 1981, p.151.

⁴¹ CONGAR, Y. Y. Op. cit., pp.425-429.

⁴² AA. VV. *Storia ecumênica della Chiesa*, vol. III. Brescia: Queriniana, 1981, p.173ss.

⁴³ Contudo, a neo-escolástica se apresenta com a sua pobreza e paradoxos. Logo, de primeira vista, deparamos com a falta de atenção ao estudo da história; Cf. ANTON, A. Op. cit., vol II, p. 151..

⁴⁴ “A eclesiologia dos manuais, segundo Congar, se contentou em ser uma exposição, mais ou menos apologética e polêmica, das estruturas constitucionais da Igreja, dominada pela tese do primado papal; com isso, praticamente não passa de uma hierarcologia”; Cf. CONGAR, Y. *L'Ecclesiologie...*, p. 113.

concretamente, da autoridade monárquica do Papa, vazia de verdadeira eclesiologia”⁴⁵.

O século XIX, passa na história como um século cheio de paradoxos, percebe-se iniciativas promissoras para a Igreja, como o dinamismo missionário⁴⁶, novas fundações religiosas, masculinas e femininas. Contudo os tratados eclesiológicos são empobrecidos⁴⁷.

No dizer de Bruno Forte, “a característica dominante na Idade Moderna foi a negação do mundo laical. E a Igreja, “fechada à ‘laicidade’..., torna-se, inevitavelmente, em sua expressão interior, clerical”⁴⁸. Concretamente, a Igreja de Roma não vê com bons olhos os movimentos puramente laicais, como as Conferências Vicentinas de Frederico Ozanam e outros movimentos apostólicos leigos, que se desenvolvem ao seu redor. Como ‘cidade sitiada’ a hierarquia da Igreja não percebe a perda de credibilidade, não percebe os anseios de uma sociedade sufocada pelo conflito; não percebe o grito que vem dos empobrecidos da classe operária⁴⁹.

Esta insensibilidade acontece também no interior de sua própria casa, a nível eclesiológico. A romanização é um sistema unívoco que absorve todas as iniciativas dentro da Igreja. Para salvar a unidade centralista, tende a nivelar todas as correntes eclesiológicas renovadoras, todas as novas propostas eclesiais que vinham de Oxford, de Tubinga, de Rovereto, de San Salvatore in Onda e que brotaram de homens carismáticos como Rosmini (Rovereto), Newman (Oxford), Mohler (Tubinga), Pallotti (San Salvatore in Onda). Parece que a nenhum desses homens que defenderam o ‘homem cristão’, é dado ser criativo e original. Impõe-se a todos um único modelo de Igreja, o da autoridade.

Segundo Acerbi, há duas grandes tendências que acompanham os homens da Igreja no correr do século XIX: a tendência “dominada pela idéia de Igreja comunidade de amor” e a tendência “dominada pela idéia de autoridade, sobretudo,

⁴⁵ CONGAR, Y. Op. cit., p. 414.

⁴⁶ Cf. CONGAR, Y. Op. cit., pp.30-31.

⁴⁷ Cf. ALBERIGO, G. *L'Ecclesiologia dal Vaticano I al Vaticano II*. Brescia: La Scuola, 1973, p.41.

⁴⁸ FORTE, B. Op. cit., p.338.

⁴⁹ Cf. CONGAR, Y. Op. cit., p. 30-34.

na sua máxima forma institucional, o Papa”⁵⁰. Mas ele observa que a estrutura, a instituição, por ser de ordem externa, freqüentemente se impõe mais. O poder da autoridade continua sendo na Igreja a grande tentação que dificulta o diálogo, principalmente em tempo de Mobilidade Religiosa é castástrofe para a evangelização. Porém, ninguém pode esquecer que no final da vida seremos julgados pelo amor, pois toda autoridade deve estar subordinada à ordem da caridade, supremo valor na Igreja⁵¹

3.2

Vicente Pallotti, homem emergente em uma nova eclesiologia

Contudo, a nossa curiosidade é saber como emerge Pallotti em meio a esta dialética mundo-Igreja, o que ele faz com este patrimônio cultural-religioso conflitivo e autoritário? Antes de mais nada, não deparamos com um Pallotti alienado ou cego diante das situações históricas que perturbam a Igreja, no correr do século XIX; mas caminha com ela; com ela assume seus limites e dificuldades internas como: a resistência vinda das ideologias modernas e liberais que penetram na comunidade eclesial e envolvem, principalmente, a juventude clerical e religiosa. Pallotti caminha com a sua Igreja, sabendo do seu confronto inevitável, com as forças externas, sendo o seu maior adversário a moderna sociedade revolucionária-racionalista, com os seus princípios liberais e democráticos, filhos legítimos da Revolução Francesa.

Porém, não podemos negar a sua fragilidade. Estamos diante de um homem que foi suscetível a uma formação segundo os moldes tradicionais e canonistas⁵², sensível, - por quê não? -, às marcas ideológicas que fervilhavam ao seu redor.

⁵⁰ ACERBI, A. **Due ecclesiologie**. Bologna: Dehoniane, 1975, pp. 22-23.

⁵¹ “Pertencer à Igreja, não deve ser vista pela ótica do poder, da dignidade, da hierarquia, mas sim pela intensidade e pureza do nosso coração, com a nossa união com Jesus Cristo, no Espírito Santo... A participação no Corpo Místico de Cristo acontece segundo o desejo de amar e servir a Deus”; Cf. PHILIPON, M. **La Chies adì Dio tra gli uomini**. Milano: Ancora, pp.98-99.

⁵² Notória, na sua formação, é a influência dos canonistas romanos Muzzarelli e Devoti, Cappellari, homens carregados de um tridentismo sem precedentes; cf. CONGAR, Y. Op. cit., p. 105; ANTON, A. Op. cit., p. 208-209.

Se dissermos que ele também bebeu dessa água e carrega consigo os sinais da história do seu século, não estamos fazendo nenhuma fantasia.

Lendo atentamente os seus escritos, percebemos paradoxos na sua visão eclesiológica; nos encontramos, muitas vezes, no limiar entre o velho e o novo, entre o carisma e o cultural tradicional-integrista. Concretamente, vemos Pallotti dentro daquelas duas fisionomias de Igreja no século XIX, apontadas por Acerbi: uma, preocupada com a estrutura, com a autoridade da Igreja, com o seu poder central; a outra, a Igreja do amor, criativa, uma e apostólica⁵³.

3.2.1

Pallotti: fruto dessa herança cultural-religiosa

Apesar das suas grandes idéias serem outras, Pallotti pensa como bom ultramontano: vê no Papa o centro de todo o poder político e religioso; ele é o “sumo apostolizante”⁵⁴ e sob a sua proteção deve estar toda iniciativa apostólica. Ele não fica indiferente diante da “Questão Romana”⁵⁵, assumindo posição favorável ao Estado Pontifício; manifesta-se contra a República de Mazzini e deseja que “o Papa possa assumir sua soberania perante todos os súbditos”⁵⁶; suspira pelo dia da grande unidade, isto é, a conversão de todos os hereges e infiéis, formando com a Igreja Católica um único rebanho, governado por um único pastor em todo o mundo, o vigário de Cristo na terra. Por isto, na sua formação apologético-tridentina e belarminiana de Igreja, “os homens devem formar, na dependência de um só pastor, um só rebanho, na profissão da mesma fé e na submissão à mesma autoridade espiritual”⁵⁷.

⁵³ ACERBI, A. **Due ecclesiologie**. Bologna: Dehoniane, 1975, pp. 22-23.

⁵⁴ Cf. OO CC III, 185. Quanto aos bispos eles também são colunas da Igreja, aqueles que “governam os povos”, que regem a Igreja universal e que edificam o corpo de Cristo, mas sempre como colaboradores do Pontífice, na sua dependência, sendo dele seus coadjutores.

⁵⁵ Pallotti diverge de V. Gioberti e G. Ventura; cf. AMOROSO, F., **San Vincenzo Pallotti Romano**. Roma, 1962, p. 418-419. Pallotti não era irredentista (movimento italiano de reivindicação, depois de 1870, dos territórios que tinham permanecido como possessões austríacas).

⁵⁶ PALLOTTI, V., **Lettere e Brandi di Lettere**. Roma, 1930, lett.n. 1583.

⁵⁷ “A única e verdadeira Igreja é a comunidade de homens reunidos pela profissão da mesma fé cristã e consorciados na comunhão dos mesmos sacramentos, sob o governo dos legítimos pastores e especialmente do único vigário de Cristo na terra, o romano pontífice; cf. BELARMINO, R. De

Como consequência da romanização Pallotti é um eclesiocêntrico. A Igreja Católica assume importância absoluta, sendo ela a única arca da salvação⁵⁸. Propagar a fé entre o mundo infiel, segundo ele, é propagar Jesus Cristo, o Reino e converter todos para a Igreja Católica⁵⁹. Quando lamenta a proliferação das seitas, a divulgação das bíblias protestantes, não difere dos apologetas do tempo nas investidas anti-reformistas.

Nessa batalha apologética anti-protestante, parece não escapar ninguém no tempo de Pallotti. O próprio Johann Adam Mohler, o eclesiólogo de Tübingen, torna-se confiável no ambiente eclesiológico do século XIX pela sua *Simbólica*, obra fortemente apologética anti-protestante. Assim acontece com Perrone, da Escola Romana, para não enumerar outros. Perrone escreveu o seu ‘Apostolado Católico’ (1862), em dois volumes, sendo o segundo intitulado *L’Apostolato Cattolico e il proselitismo protestante*. Nesta obra identifica o apostolado católico com a Igreja Católica. “Esta, segundo ele, é simplesmente a continuadora da Igreja primitiva, a única fundada por Cristo”⁶⁰.

Entretanto, apesar deste lado Ultramontano, nos dispomos a ver o outro lado da fisionomia de Vicente Pallotti. Porque homem livre diante de postos e dignidades eclesiásticas e por causa do seu carisma e profecia, consegue pensar fora do esquema vigente, consegue ver, com tranquilidade e realismo, não somente os males do mundo e da sociedade, os problemas e as lacunas que atingiam o clero de sua Igreja local, mas consegue apresentar à Igreja a novidade do apostolado universal.

Antes de qualquer análise de conjuntura da sua comunidade local, para Vicente Pallotti Roma apresenta a imagem do verdadeiro pastor na pessoa de Jesus Cristo, modelo de toda ação apostólica-missionária⁶¹. Na sua carta ao episcopado italiano⁶², deseja que bispos e fiéis sejam ‘vinhas florescentes em Cristo’⁶³. Tanto o Papa, que é o supremo pastor, como os bispos devem ouvir o grito do seu povo, sentir as suas

controvérsias, Tom. 2, libr. 3; cf. DULLES, A. A Igreja e seus modelos. São Paulo: Paulinas, 1978, p. 12.

⁵⁸ OO CC III, 230.

⁵⁹ Cf. OO CC IV, 139-140.

⁶⁰ Cf. PERRONE, G. *L’Apostolato Cattolico e il Proselitismo protestante*. Genova: Giuseppe Rossi Editore, 1862, p. 61-62.

⁶¹ Cf. OO CC I, 106-107.

⁶² Cf. OO CC I, 69-70.

⁶³ Ibidem, p. 79.

necessidades, entrar em sua defesa, procurar as ovelhas dispersas e levá-las para a sua casa. É importante ter pés, mente, coração para evangelizar, para nutrir, nas “pastagens vivas da salvação”, o rebanho de Cristo ⁶⁴.

Por outro lado, no mesmo gesto de homem livre, ele denuncia os pastores insensíveis às necessidades de seu povo; surdos e inativos favorecem o esfriamento de muitas comunidades cristãs ⁶⁵. Detesta, da mesma forma, a corrupção de prelados, ‘porporati’, isto é, vestidos de púrpura, mais preocupados com a riqueza, distinções e altos postos, do que serem guias de seu povo ⁶⁶; aponta uma Igreja hierárquica cheia de mal-entendidos: pessoas que se movem dentro de interesses nem sempre verdadeiros ⁶⁷. Pallotti lamenta os abusos de poder sobre o corpo real e sobre o corpo místico de Cristo ⁶⁸; a divisão entre o clero secular e regular ⁶⁹; o distanciamento entre clérigos e leigos, aliás, agrande ferida também apontada por Antônio Rosmini; lamenta, acima de tudo, a atitude carreirista dentro da Igreja. Como o Estado Pontifício nesta época estava clericalizado na maioria absoluta das suas funções, percebe-se que o maior interesse dos clérigos não era ser a imagem do Cristo pastor para o seu povo, mas galgar os postos mais altos dentro do funcionalismo estatal. Carreirismo clerical, espírito de domínio, segundo Vicente Pallotti, não edifica, mas destrói a obra de Deus ⁷⁰.

Porém, para este homem de horizontes largos, era preciso sanar as feridas da sua Igreja. Mas isto não acontece com meias medidas e muito menos com a ação de pessoas isoladas. Ninguém pode ser samaritano sozinho ⁷¹. O seu grande desejo é renovar a Igreja, mas como? Imagina que podia ser através de um concílio ecumênico. Como, porém, um concílio ecumênico não lhe parecia fácil, a renovação poderia acontecer através de uma instituição de apostolado universal. Esta idéia lhe soou revolucionário e original ⁷².

⁶⁴ Ibid., p. 69.

⁶⁵ OO CC I, 75.

⁶⁶ Pallotti traça a imagem do bispo ideal; cf. OO CC XI, II, 572.

⁶⁷ OO CC III, 23-24.

⁶⁸ OO CC XII, 55-56.

⁶⁹ Cf. OO CC I, 106.

⁷⁰ Cf. OO CC I, 107.

⁷¹ Cf. OO CC I, 76.

⁷² Cf. OO CC I, 77-80.

3.2.2

Apostolado Universal, ‘a grande novidade’

‘Apostolado para todos’ é idéia incomum que vai se afirmando em Vicente Pallotti numa sucessão de acontecimentos. Nos seus encontros com um grupo de amigos leigos (1834), as suas preocupações e envolvimento são de ordem missionária⁷³. Porém, o marco histórico aconteceu a nove de janeiro de 1835. depois de uma celebração eucarística, ele mesmo conta, lhe brota, como dom gratuito, a original inspiração⁷⁴.

Crendo firmemente que “a vocação para o apostolado é anterior a toda outra vocação”⁷⁵ no mesmo ano, em 1835, Vicente Pallotti lança, para o grande público, um manuscrito, intitulado “Appello a chiunque”⁷⁶ ou, como se diz, ‘Apelo ao povo’, para ele, a manifestação clara do desígnio de Deus; “uma inspiração..., *‘un prodígio nuovo di misericordia’*”⁷⁷; é um grito surpreendente, uma verdadeira convocação de todos para uma evangelização universal⁷⁸. Esta idéia do apostolado universal, a partir 1835, vai repercutindo nos ouvidos da cúria romana, divulga-se nos ambientes clericais e em algum círculo laical. A idéia é clara: “apostolado católico, isto é, universal porque envolve todas as classes de pessoas de qualquer estado, grau e condição, a fim de se ocuparem energicamente nas obras de caridade e zelo”⁷⁹. É uma insistência na sensibilidade universal dirigida a todas as pessoas que estão “cheias do Espírito de Cristo, as quais são chamadas a pregar o santo Evangelho...”⁸⁰.

Para entender este “Novum”, a universalidade apostólica dentro da Igreja, não se cansa de nomear homens e mulheres de todos os estados e profissões, dos menores aos maiores, dos ignorantes aos mais sábios, dos plebeus aos mais nobres, dos mais pobres aos mais ricos, dos leigos e leigas à mais alta esfera clerical; todos na Igreja

⁷³ Cf. OO CC III, 24.

⁷⁴ Cf. OO CC X, I, 211.

⁷⁵ BAYER, Bruno e ZWEIFEL, Joseph. (org.). **Documentos da Fundação**, Santa Maria: Pallotti, 1996, pp. 29-30.

⁷⁶ OO CC IV, 119.

⁷⁷ OO CC X, I, 210-212.

⁷⁸ OO CC IV, 260.

⁷⁹ OO CC III, 5.

⁸⁰ Vicente Pallotti carta a Mons. Agostinho Wunder, 29 de agosto de 1835; OO CC III, 6.

são chamados à unidade do apostolado universal⁸¹, todos enviados ao campo da messe, para serem Igreja missionária⁸².

Vicente Pallotti parece surpreender-se diante de tão grandioso projeto apostólico. Frequentemente consola-se e se alegra por conceber tamanha obra dentro da Igreja. Consola-se na sua humildade, no seu nada; alegra-se no tudo que vem do Pai. O ‘apelo’ constitui para Pallotti um privilégio imensamente grande. Sente-se feliz por ter sido escolhido para formar e criar na Igreja de Deus a obra do Apostolado Católico⁸³. Por isso, convida a todos para serem “qual trombeta evangélica, que chama a todos, que convida a todos, que desperta o zelo e a caridade de todos os fiéis”⁸⁴ a fim de se disporem ao serviço de tão alta empresa evangélica.

Na proclamação desta jornada apostólica, nada parecia tão fácil. De imediato, recebe das autoridades eclesiásticas a aprovação. Contudo, ao seu redor, aparecem alguns mal-entendidos. Aberto aos sinais dos tempos e para melhor sentir a vontade de Deus, divulga entre cardeais, teólogos, superiores religiosos e párocos, um opúsculo, manuscrito querigmático, no qual tenta apresentar uma síntese de sua visão de apostolado dentro da Igreja. Foi grande a surpresa, quando, da maioria das pessoas interpeladas, recebe confirmação, apreço e apoio por esta idéia surpreendente⁸⁵.

Algumas das respostas carregam nas dificuldades que a Igreja estava enfrentando então. Diversas pessoas consultadas falam de tempos difíceis e calamitosos, ‘*luttuosi tempi*’; tempos de trevas, onde o ‘demônio e os maus’ intensificam a sua astúcia; assim, esse grandioso projeto do Apostolado Católico, com os seus meios adequados, vem resolver as urgentes necessidades; será um contrapeso à “indiferença que tanto domina em nossos dias e virá também desfazer as trevas que ofuscam a face do universo”⁸⁶. Outras respostas manifestam alegria, como

⁸¹ Cf. OO CC VII, 3; III, 145.

⁸² RUBIN, D. **São Vicente Pallotti e seu carisma**. In *Informações Palotinas*. Jun (1992), p. 50.

⁸³ Cf. OO CC X, I, 211.

⁸⁴ OO CC I, 4-5.

⁸⁵ As respostas ao “Opúsculo” encontram-se no Arquivo Geral da Sociedade do Apostolado Católico (AGSAC).

⁸⁶ Car. Falzacappa, Vescovo di Albano, dal Palazzo Odescalchi questo di 19. Aprile 1837 (AGSAC).

e até *‘lacrime di tenerezza’*. Por ser um belo projeto em si mesmo, oportuno e de fácil execução, alguns pedem a sua imediata publicação⁸⁷.

É verdade que algum teólogo e cardeal adverte Pallotti sobre a necessidade de maior centralismo. Porque, referindo-se a uma obra de tal envergadura, *‘Apostolado Católico’*, onde todos os cristãos são envolvidos na missão da Igreja, o importante é manter a absoluta dependência do Sumo Pontífice e da “Propaganda Fide”, porque, tanto a missão como o apostolado católico foram confiados unicamente ao supremo hierarca, o Papa. Para outros, o fim dessa *‘novella società Secolare dell’Apostolato Cattolico’* é apologético; é um projeto oportuno para a propagação da religião de Jesus Cristo, único meio de salvação que vem dissipar as trevas do paganismo e salvar aqueles que estão envoltos na sombra da morte, os cristãos separados da Igreja Católica.

O opúsculo parece ir ao encontro de um pensamento latente: a universalidade do apostolado, idéia simpática, que está dentro do óbvio para uns; afinal, o apostolado é a preocupação de Cristo e dos Apóstolos; “o apostolado estará sempre no meio de vós”⁸⁸; mas, para outros, esta visão apostólica, neste momento, é original e desperta o espírito dos primeiros fiéis⁸⁹. Além do mais, a universalidade, o “abraçar toda a classe de pessoas é qualquer coisa de portentoso e divino”⁹⁰. Algumas respostas vêm no opúsculo a imagem de Igreja carismática, com a variedade de ofícios⁹¹.

Enfim, as cartas revelam apreço e admiração pelo autor do opúsculo, “imagem sábia e divinamente inspirada”⁹². Pallotti, inspirando um projeto tão universal e dinâmico dentro da Igreja, no qual ninguém se sente excluído, nem grego, nem judeu, mas todos, mediante os meios possíveis, podem reavivar a fé e reacender a caridade⁹³, é visto como homem profético.

⁸⁷ “Vedo la cosa non solo bella in se stessa ma ridotta a stato di facilissima esecuzione” (L. Togni, Prefetto Generale dei Ministri degl’infermi, Roma, 28 settembre 1836). In: AGSAC, Roma.

⁸⁸ Cf. CALVI, T, lettere 2. 10. 1837. In AGSAC, Roma.

⁸⁹ Apostolado Católico ‘com espírito novo, seme lhante ao espírito dos primeiros fiéis que ‘eram um só coração e uma só alma’ (Pacífico Cesarini, preposito dell’Oratorio di San Filippo Néri di Roma, Chiesa Nuova, 3 ottobre 1836). In: AGSAC, Roma.

⁹⁰ É “um novo ‘tratto’ portentoso da divina providência” (Card. Polidori, lettera 1837). In: AGSAC, Roma.

⁹¹ G.M. da Alessandria, 7 novembre 1836. In: AGSAC, Roma; Cf. PIZZOLATTO, V., A Igreja – Na perspectiva do século XIX e no profetismo de Vicente Pallotti, Santa Maria: Pallotti, 2003, p. 100.

⁹² Idem.

⁹³ Cf. G. Righetti, teólogo. In: AGSAC, Roma.

3.2.3

Apostolado Católico, um conceito conflitivo

Grande parte dos interpelados pelo opúsculo, se perguntavam por que um projeto de tal envergadura necessitava de confirmação da opinião pública: admiravam-se do porquê das dificuldades, quando ele vinha ao encontro do óbvio evangélico, das urgentes necessidades, quando era providencial e oportuno. Pallotti também tinha certeza de que a sua inspiração vinha do alto e de que era obra do amor misericordioso de Deus. Tinha certeza de que esse projeto já estava aprovado pelas autoridades competentes: pelo Cardeal Odescalchi e até por Gregório XVI⁹⁴.

Contudo, surgiram no horizonte algumas nuvens escuras. Pallotti entendeu que faltou seriedade, no mínimo profundidade, na aprovação de sua obra. “Graças a falsas idéias que o demônio não deixa de acalentar na mente de alguns..., a Pia Sociedade foi gravemente combatida e chegou ao ponto de ostentar sinais de morte”⁹⁵. A idéia da universalidade, da catolicidade do apostolado não era bem compreendida e aceita. Era uma concepção que, na idéia de Congar, estava no exílio, ou no ostracismo ou num gueto, fora da ‘cidade sitiada’, mas que, também parecia ser Igreja⁹⁶.

Pallotti não pensou em movimento laical e nem em promover exclusivamente os leigos. Contudo, foi a sua abertura apostólica na direção do povo de Deus, necessariamente incluindo os leigos, que desencadeou as mais sérias dificuldades. O “Apelo ao Povo realizado em 1835, convite feito ao grande público”⁹⁷, visando a integração de todos na grande jornada evangelizadora, sacudiu as bases da hierarquia e muitas mentes ficaram perturbadas. Se Pallotti foi reticente e combativo diante das inovações políticas revolucionárias e democráticas, agora, porém, lançando no mundo o seu apelo missionário para uma evangelização universal, mostra-se um inovador destemido. Nessa época, conceber uma tal imagem de Igreja era uma verdadeira revolução copernicana⁹⁸.

⁹⁴ Cf. OO CC III, 23-24.

⁹⁵ OO CC III, 24.

⁹⁶ Cf. CONGAR, Y. Op. cit, p. 30.

⁹⁷ OO CC IV, 119.

⁹⁸ RUBIN, A. **Vicente Pallotti. Precursor, Modelo e Protetor da Ação Católica.** In: REB, vol. 9, fasc. 1, mar. (1949), pp.49-68.

As dificuldades, porém, não provinham unicamente da esfera administrativa e disciplinar da cúria romana, mas eram, antes de mais nada, uma questão eclesial teológica. Nos meados do século XIX, corria o pensamento do teólogo Perrone, catedrático de dogmática no Colégio Romano, sobre o apostolado católico⁹⁹. Enquanto Pallotti pensava que evangelizar, dom dado a todo povo fiel¹⁰⁰, era o mais alto valor eclesial, a mais excelente das obras, o mais divino dos dons, porque por ele nos tornamos os mais perfeitos imitadores de Cristo¹⁰¹, na visão de Giovanni Perrone, o pensamento era bem outro.

Para G. Perrone fazer apostolado era competência exclusiva dos Apóstolos e dos seus legítimos sucessores; fazer apostolado compete à hierarquia, aquela que constitui um só corpo junto ao supremo pastor, na pessoa de Pedro. O Papa é o grande apostolizante. Quem pode “apascentar os meus cordeiros, as minhas ovelhas”¹⁰² senão aquele que “constitui a forma perpétua de governo supremo e monárquico...”, isto é, o Papa?¹⁰³. “Assim, quem não receber, mediata ou imediatamente, de Pedro ou de seus sucessores o “mandato para evangelizar as nações está fora do Apostolado Católico”¹⁰⁴. Para Perrone a “Igreja mesma constitui este apostolado do qual foi encarregada por Aquele que a instituiu”¹⁰⁵.

Todavia, Pallotti, apesar de não ser um grande luzeiro nas ciências teológicas, no dizer de um dos seus estudiosos¹⁰⁶, diante das interpretações unilaterais referentes ao apostolado católico, julga oportuno, em bem da Igreja, entrar em defesa do pluralismo apostólico. Partindo de provas bíblicas (Jo 20, 21; Eclo 17,12), tenta demonstrar que o apostolado não é nenhuma realidade monolítica na Igreja, mas tão ampla e universal quantos são os chamados à seara do Senhor¹⁰⁷. Para alargar o

⁹⁹ PERRONE, G. *L' Apostolato Cattolico e il Proselitismo Protestante*, vol. I. Genova: G. Grossi, 1862, p. 15. Esta obra foi publicada em 1862 em dois volumes, doze anos após a morte de Pallotti.

¹⁰⁰ OO CC IV, 135, 144.

¹⁰¹ OO CC XI, I, 256-258.

¹⁰² Cf. Jo 1, 15-17.

¹⁰³ PERRONE, G. Op. cit. p. 42, 45.

¹⁰⁴ Ibid., p. 46, 48.

¹⁰⁵ Ibid., p. 69.

¹⁰⁶ Cf. FALLER, A. *Storia Del Tomismo*. In: Doctor Communis, 3, settembre-dicembre (1984), p. 262-267.

¹⁰⁷ OO CC IV, 260. Esta universalidade Pallotti a busca principalmente na celebração da vocação cristã: “A Igreja, com a celebração da Epifania, nos recorda a primeira manifestação de N. S. Jesus

horizonte, apela para a analogia do apostolado. Apostolado Católico é um título análogo, isto é, a ação evangelizadora na Igreja acontece em todos os seus membros, mas diversamente entre eles, de acordo “com o estado, a condição social e a posição de cada um”¹⁰⁸. Vai dizer que um é o apostolado de Cristo, outro é o de Pedro ou dos ‘Doze’; um é o apostolado do bispo, do padre, e outro é o apostolado dos não ordenados. E, se na Igreja de Cristo o Papa é o supremo e universal ‘apostolizante’ e o bispo o é na sua diocese, é porque existem modos diferentes de ser apóstolo. Por este argumento afirma que todos, a seu modo, “em proporção de sua condição e estado, são chamados apóstolos”¹⁰⁹. Esta é também a opinião de Giuseppe M. di Alessandria, Superior geral dos Frades Menores Observantes que, inspirado no opúsculo de Pallotti, opina:

Na Igreja nem todos se ocupam do mesmo posto. Mas todos têm o lugar dado pela providência divina, segundo a medida dos talentos e a vocação de cada um; porque nem todos nela são apóstolos... Mas todos devem preocupar-se do seu florescimento, prosperidade... Todos os membros que compõem a Igreja, embora de diferentes estados e ofícios, pela pregação, oração e esmola, promovam maior zelo e fervor¹¹⁰.

Pallotti, apoiando-se mais uma vez em textos bíblicos (Lc 6, 12-16; At 1, 26; Jo 4), volta a insistir na distinção entre jurisdição eclesiástica e apostolado¹¹¹: “A idéia de apostolado e o nome de apóstolo... não é algo que não se possa distinguir da jurisdição eclesiástica e do sagrado ministério de consagrar e absolver. Mas sob o nome de apóstolo se inclui também todo aquele que não é sacerdote...”¹¹². O apostolado não se submete ao sacerdócio hierárquico, sendo o apostolado realidade bem mais ampla que a idéia jurídica de hierarquia. “O apostolado universal se ordena para Deus, para Cristo”¹¹³. Por isto, ele não confunde os ministérios dos ordenados com a idoneidade apostólica. Existe uma fundamental distinção entre apostolado e

Cristo ao povo gentio, do qual descendemos e estamos representados pelos Magos” (OO CC VI, I, 160).

¹⁰⁸ OO CC III, 5.

¹⁰⁹ OO CC III, 140.

¹¹⁰ G. M. da Alessandria, 7 novembre 1836. In: AGSAC, Roma.

¹¹¹ OO CC V, 236.

¹¹² OO CC III, 140.

¹¹³ CONGAR, Y. **Os leigos na Igreja**. São Paulo: Herder, pp. 180-181.

hierarquia, apostolado e cargos eclesiais entre ‘sacerdício comum’ e ‘função ministerial’¹¹⁴.

A Sagrada Escritura não limita a missão de evangelizar a ninguém¹¹⁵. Na opinião atual, “se a Igreja não se sentisse operosa em todos os seus membros, estaria sofrendo uma espécie de mutilação... Em todo o crente que manifesta que Jesus é o Senhor se realiza a missão da Igreja”¹¹⁶. A *Lumen Gentium*, ao afirmar que “Cristo, o grande profeta, cumpre o seu ofício profético, não só por meio da hierarquia, que ensina em nome e com o poder (de Cristo), mas também por meio dos leigos...”¹¹⁷, solidariza-se com o pensamento de Pallotti¹¹⁸.

Como modelo de apostolado laical sem fronteiras, Pallotti apresenta Maria, aquela pessoa que embora não fosse ‘sacerdotisa e Apóstolo’, se empenhou nas obras de caridade e de zelo com tal perfeição e plenitude que mereceu ser glorificada acima dos próprios Apóstolos¹¹⁹. Assim que a Igreja, não por mero título de honra, mas com plena razão e merecimento, a saúda, não com o título de Rainha dos sacerdotes, dos bispos ou dos Sumos Pontífices, mas com o augusto título de Rainha dos Apóstolos¹²⁰. Por isto, a exemplo de Maria, todos os que se empenham na propagação da fé podem ter o mérito do apostolado¹²¹.

3.3

O Leigo, o grande excluído

É através da dimensão do apostolado universal que Pallotti descobre a importância e a missão do leigo dentro da Igreja, visão bem distinta do seu contemporâneo e catedrático Perrone que vê os leigos, apenas, como objeto da ação apostólica¹²², como elemento passivo da evangelização. Pio X, mais tarde, em poucas

¹¹⁴ OO CC III, 140.

¹¹⁵ Cf. OO CC VII, 7-8.

¹¹⁶ DIANICH, S. *Chiesa in Missione*. Milano: Paoline, 1985, p. 261-262.

¹¹⁷ LG, 35.

¹¹⁸ Também os leigos são constituídos apóstolos do reino (cf. LG 36); Cf. CONGAR, Y. **La tradizione e la vita della Chiesa**. Roma: Paoline, 1983, p. 70.

¹¹⁹ Cf. OO CC V, I, 9.

¹²⁰ Cf. OO CC VII, 7-8.

¹²¹ Cf. OO CC III, 188.

¹²² Cf. ANTON, A. Op. cit., pp.280-281.

palavras, sintetiza o pensamento eclesiológico do século XIX, sobre o binômio clerical-laical, afirmando que é “doutrina funesta” considerar os leigos sujeito da missão, porque o apostolado é exclusivo dos doze, do Papa e dos bispos a ele unidos. “Somente na hierarquia residem o direito e a autoridade necessários para promover e dirigir todos os membros na direção do fim da Sociedade. Quantos à multidão, não tem outro direito do que deixar-se conduzir e docilmente seguir os seus pastores”¹²³.

Congar observa que, pelos anos 1930, a Igreja, ainda, se apresentava como uma sociedade organizada, constituída pelo exercício de poderes de que eram investidos Papa, bispos e sacerdotes. A eclesiologia consistia, nada mais, nada menos, que num tratado de direito público. “Eu, para caracterizar (esse período) criei a palavra ‘hierarcologia’ que prevaleceu na polemica anti-conciliarista, anti-protestante, na restauração de Gregório XVI, de Pio IX e nos manuais modernos de apologética”¹²⁴.

Contudo, é neste período (1925-1960) que acontece, segundo Congar, os “belos anos da ação católica, onde existia uma consciência de dar testemunho do Evangelho, originária da teologia do Corpo Místico”¹²⁵.

Porém, na própria ação católica, tudo depende, ainda, de um mandato jurídico: a ação católica é instrumento nas mãos da hierarquia, um simples prolongamento de seus braços. Na Igreja Católica, a missão apostólica desce da hierarquia para os fiéis. Dizendo isso Pio XII é fiel a sua definição de Igreja que é belarminiana: os leigos podem participar da missão da Igreja somente por concessão, mediante uma missão canônica, como auxiliares¹²⁶.

Na teologia do apostolado universal de Pallotti, a primeira coisa que sobressai é o rompimento da barreira do puramente clerical. Ele fala de uma vocação universal ao apostolado, isto é, abre o horizonte do obreiro da evangelização. Todos podem ser mensageiros da boa notícia, *a fortiori* o leigo. No leigo ele vê beleza e competência.

¹²³ PIO X. **Encíclica Vehementer**; (01-02-1905); Cf. AAS (1906), p. 39.

¹²⁴ CONGAR, Y. Os leigos na Igreja. São Paulo: Herder, pp. 180.

¹²⁵ Os anos fortes da Ação Católica, 1935-1939; Cf. Ibid., p. 13.

¹²⁶ Alocução de Pio XII no Congresso Mundial sobre o apostolado dos leigos (14-10-1952) e alocução para os chefes dos escoteiros católicos (05-06-1952). O episcopado francês suspendeu definitivamente este conceito (mandato) somente em 1975.; Cf. RIGAL, J. *Lê Mystère de L'Église*. Paris: du Cerf, 1992, pp. 152-153. “Na Ação Católica, dirigida, controlada, mandada pelos bispos, o apostolado dos leigos é visto como colaboração no trabalho da hierarquia. Uma tal expressão leva a pensar que somente os bispos são Igreja”, GUILMONT, P. **Fin d'une Église Cléricale?** Paris: du Cerf, 1969, p. 253.

Neste horizonte, é Paulo VI que nos aponta a grande intuição de Pallotti ao ter levado o laicato como vocação adulta. Ele não viu no leigo qualquer coisa de menoridade, mas um sujeito habilitado para a ação apostólica, com tarefa eminente evangelizadora missionária. Ele descobriu no leigo energias novas e a capacidade de fazer o bem¹²⁷.

Todavia, o leigo visto por Pallotti não é uma personagem isolada ou uma classe esquecida e que agora, de qualquer jeito, deve recuperar o tempo perdido, o seus direitos ou o seu espaço dentro da Igreja. Não era também sua intenção desenvolver diretamente uma eclesiologia de modelo laical. Ele não é por uma ‘laicologia’, um tipo de dualismo de funções que ainda hoje paira em alguns documentos conciliares e em alguma literatura pós-conciliar, algo que destoa na Igreja-Povo de Deus¹²⁸. Neste dualismo pastoral a tendência é restringir o clero à sacristia, ao sacral e sacramental e o leigo ao agir no mundo como seu habitat natural. Apesar do Sínodo de 1974 ter rompido o binômio entre pessoas “espirituais” e pessoas “comprometidas” com o “Século”¹²⁹, ainda persiste hoje a divisão dos campos da missão¹³⁰, quando, na verdade, o leigo se define na Igreja por uma qualidade como dada a todo o povo de Deus e pelo seu serviço de evangelização no mundo e na Igreja.

Para Pallotti é inconcebível uma Igreja segregada, uma sociedade desigual, feita de puros clérigos ou só de leigos. “Pallotti não se ocupou simplesmente do apostolado dos leigos, como se tem dito em demasiada freqüência. Mas se interessou pelo apostolado católico, isto é, universal”¹³¹; interessou-se por uma grande unidade apostólica, a união de todas as forças evangelizadoras. No pensar de Paredes, Pallotti na sua “concepção de totalidade”, parece intuir pelo Espírito, num único carisma

¹²⁷ Cf. ACTA, SAC, vol. V, p. 370-378; São Vicente Pallotti visto por Paulo VI. In: informações Palotinas, dez. (1994), pp. 95-103.

¹²⁸ “o que a alma é no corpo, isto sejam no mundo os cristãos”(LG 38); Cf. ANTON, A. Op. cit., p. 1026.

¹²⁹ Cf. COLOMBO, G. **La teologia Del Laicato: bilancio di una vicenda storica** In: AA. VV. I laici nella Chiesa. Torino: ELLE DI CI, 1986, pp. 22-23. Segundo Colombo, a “Relatio finalis” do Sínodo de 74, não defende uma tarefa à parte dos leigos na Igreja, como defende o Concílio na **Lumen Gentium** (35-36). Esta abertura foi confirmada em Evangelii Nuntiandi (70). Mas o “dever da evangelização é de todos os cristãos”. Cf. COLOMBO, G. Op. cit., p. 23.

¹³⁰ A índole laical do leigo e a missão do presbítero na Igreja voltou à tona na Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) em Itaipava (1998).

¹³¹ RUBIM, A. **Nuestro apostolado en la pastoral de América Latina**. In: Informações Palotinas, set. (1983), p. 39.

apostólico-missionário, todos os ministérios eclesiais de vida laical-religiosa e presbiteral¹³².

O Apelo ao povo fica como advertência a toda a separação entre o homem clerical e o homem laical; busca-se uma identidade comum, onde não se acentuam primeiramente as diferenças entre carismas e funções. Pallotti chega à raiz do “novum”, quando descobre que a evangelização e suas exigências são, primordialmente, para todos os cristãos.

3.3.1

A eclesiologia do apostolado universal

Pelo caminho do apostolado universal Pallotti nos manifesta uma nova visão de Igreja, na qual temos uma comum responsabilidade e que após o Vaticano II se chamou de Povo de Deus. Ele crê firmemente que esta original inspiração vem em benefício da Igreja¹³³. A sua originalidade foi simplesmente evidenciar o obvio da eclesiologia do apostolado e da missão, pois é na unidade apostólica que leigos, religiosos e hierarquia formam a Igreja, a “vinha florescente em Cristo”¹³⁴. E para afirmar a nossa identidade como Igreja-Povo cristão, Pallotti parece tomar dois caminhos:

Primeiramente, porque chamados pelo impulso do amor a uma evangelização universal, temos o direito de pertencer ao povo sacerdotal. A ligação do apostolado universal ao sacerdócio comum, tem referencias claras em Pallotti:

Apostolado católico (é entendido) naquele sentido amplo que Pedro chama de sacerdócio o ofício de todos os fiéis¹³⁵; isto é, o apostolado é um novo sacerdócio. A *Lumen Gentium* caminha com este pensamento de Pallotti quando afirma que a todos

¹³² PAREDES, J. C.R.G. **Parábola de unidad, carisma y mission n ela Iglesia**. Conferência pronunciada na XVII Assembléia Geral da Sociedade do Apostolado Católico (SAC), Roma, 14 de setembro de 1992.

¹³³ OO CC X, 212.

¹³⁴ OO CC I, 79.

¹³⁵ RUBIM, A. **Princípios fundamentais**. Conferência pronunciada na XV Assembléia Geral da Sociedade do Apostolado Católico (SAC), Roma, 1963.

aqueles que estão ligados à vida e à missão de Cristo lhes é concedido também ter parte no seu “ofício sacerdotal”¹³⁶.

Outra referência, a mais evidente, acontece no verso da medalha: Pelo fato de sermos constituídos povo sacerdotal, torna-se, segundo Pallotti, o fundamento de todo o apostolado.

Como idéia fontal e elemento fortemente eclesial, ele tenta evidenciar a vocação universal de todo o cristão. Neste sentido, assume muita importância, na sua pastoral, a celebração do “Oitavário da “Epifania do Senhor”. Nesta festa na figura dos Reis magos, vê, como um marco histórico, a primeira manifestação daquilo que é comum a todos nós e que nos dá direito de chamar a Deus de Pai¹³⁷. A Epifania “é o princípio daquela misericórdia pela qual não somos mais estrangeiros e nem filhos da ira, mas temos a liberdade de chamar a Deus de nosso Pai, o qual nos deu a vida em Cristo”¹³⁸. Esta celebração deseja como que representar a nossa história para demonstrar aquilo que éramos e aquilo que fomos feitos. Aquilo que éramos e o nosso vazio, o nosso nada. Éramos das nações, dispersos, sem nome, sem qualquer perspectiva. Mas eis que, quando tudo parecia trevas, aparece a Estrela: “Deus quer derramar a sua luz sobre os habitantes da terra da morte, Deus quer se encontrar com aqueles que o não procuravam”¹³⁹. Pallotti busca a intenção primeira da Igreja ao celebrar o Oitavário da Epifania, que não é um simples memorial do primeiro chamado dos gentios à fé¹⁴⁰, mas uma oportunidade para uma tomada de consciência de nossa origem, pois descendemos desse povo gentio¹⁴¹. Éramos estrangeiros, mas agora, concretamente, tivemos, pelo batismo, uma concepção e nascimento espiritual; pelo batismo fomos constituído em Jerusalém Celeste¹⁴².

¹³⁶ LG, 34.

¹³⁷ Cf. OO CC V, 161.

¹³⁸ OO CC VI, 160.

¹³⁹ OO CC VI, 156.

¹⁴⁰ OO CC I, 338-339.

¹⁴¹ OO CC VI, 160.

¹⁴² OO CC XII, 302-303.

3.3.2

Igreja missionária porque povo sacerdotal

Aos poucos, no horizonte de Pallotti, surge uma imagem sacerdotal e cristológica de Igreja. Cristo, o Redentor da humanidade, o prometido, o esperado, o preanunciado, o eterno e universal pontífice que se fez, por nosso amor, sacerdote e vítima, “é o nosso primogênito e irmão”¹⁴³. Nesta mesma perspectiva Pallotti interpreta o “*consummatum est*”, as últimas palavras de Cristo (Jo 19, 28). No “tudo está consumado” está a síntese, o desembocar de todas as profecias, “o estabelecimento do novo sacerdócio”¹⁴⁴, o “sacerdócio eterno, e “universal” de Cristo, como que a mim foi confiado”, em benefício da Igreja e dos homens¹⁴⁵.

Por estes dois textos somos levados a entender, primeiramente, a nossa fraternidade em Cristo, por ser ele “nosso irmão primogênito”. E, se somos da sua raça, somos também com ele ofertantes e sacerdotais. Esta realidade crística-sacerdotal não se atribui simplesmente ao presbítero, ao homem ordenado, mas, também ao fiel.

Porém, Pallotti não foi a única voz que ecoou nas dobras do século XIX: não foi o único a manifestar esta novidade eclesial; mas faz parte do coro daqueles homens como Mohler, Newman, Rosmini, que tiveram a coragem de exercer o seu profetismo e manifestar seu carisma na Igreja do seu século e que, com Pallotti, intuíram uma Igreja interior, pneumatológica e sacerdotal¹⁴⁶.

Hoje parece não constituir maior novidade quando a *Lumen Gentium* fala claramente da “comum dignidade dentro da Igreja, da participação no múnus

¹⁴³ OO CC XI, 55.

¹⁴⁴ OO CC XII, 512.

¹⁴⁵ OO CC X, 152.

¹⁴⁶ Solidários, analogicamente, com essa visão sacerdotal de Igreja, são os coetâneos de Pallotti, como A. Moller que, partindo de 1Pd 2,9, reconhece a índole sacerdotal da comunidade cristã, a qual, assegurada por tal dom, torna-se comunidade de celebrantes. Ele fala do sacerdócio comum dos fiéis: “Todos aqueles que foram ungidos com o santo óleo tornaram-se sacerdotes”. MOLLER, A. *L’Unità nella Chiesa...*, pp. 237-239.; Como Newman que parte do “*sensus fidelium*” para chegar à realidade “ontica” de todo o povo cristão, da qual procede sua índole profética, sacerdotal e real: “a seu modo, os leigos participam, com a hierarquia, do ofício de Cristo”. CONGAR, Y. *Église Catholique...*, pp. 437-438.; Cf. TILLARD, J. M. **Chiesa di Chiese.**, PP. 131-132. Assim, Rosmini fala de um estado cristão que é “quase o primeiro grau do sacerdócio”, ROSMINI, A. **Delle cinque piaghe della Chiesa.** Brescia: Morcelliana, p. 80.

sacerdotal, profético e real de Cristo”¹⁴⁷ e que “antes de qualquer distinção, de qualquer ofício ou ministério no seio da Igreja, somos aquela seguridade, graça e salvação que fala Agostinho no seu sermão”; não constitui novidade nos afirmar como “povo de sacerdotes para Deus”, no dizer do Apocalipse (Ap 1,6); não constitui novidade a redescoberta da realidade comum e universal de Povo de Deus, anteposta ao ministério e à função na Igreja¹⁴⁸; não constitui novidade dizer que o sacerdócio comum não se caracteriza por sua relação ao submissão ao sacerdócio hierárquico; mas se ordena a Deus, é oferta suprema da vida. Há um sacerdócio de vida e de graça em Cristo, pelo Espírito Santo¹⁴⁹.

Bruno Forte, refletindo sobre a Igreja primitiva, nos abre um caminho para a laicidade da Igreja, isto é, para a identidade comum do povo de Deus¹⁵⁰. Na sua visão, “Laikós”, “como aparece nos primeiros séculos, designava uma realidade interna ao povo de Deus, positivamente caracterizada pela riqueza de sua condição batismal. O ser do leigo se ilumina na riqueza da consagração batismal, na livre iniciativa do Espírito. O único Espírito suscita a diversidade de carismas e ministérios. A unção batismal, o ontológico da graça, faz brotar o dever de ser cristão, a sua missão na Igreja e no mundo”¹⁵¹.

Porém, imaginamos a coragem e o dom carismático de Pallotti, quando, em meados do século XIX, tenta fundamentar o seu apostolado universal não sobre valores meramente jurídicos, mas sobre a visão petrina (1Pd 2,9), isto é, sobre o povo sacerdotal, um valor ontológico inerente a todo o fiel. Assim, partindo deste fundamento comum, pode afirmar, com toda a autoridade, que o apostolado universal

¹⁴⁷ LG 32. COLOMBO, G. Op. cit., p. 11-13. “Cristo, o grande profeta..., cumpre o seu ofício profético, não só por meio da hierarquia, que ensina em nome de Cristo e com o seu poder, mas também por meio dos leigos... Os leigos tornam-se arautos da fé...” (LG 35). “O Senhor deseja estender o seu reino também por meio dos leigos” (LG 36).

¹⁴⁸ “Atemoriza-me o que sou para vós; consola-me o que sou convosco. Pois para vós sou bispo, convosco sou cristão. Aquilo é um dever, isto é, uma graça. O primeiro é um perigo, o segundo salvação”. (LG 32).

¹⁴⁹ Cf. CONGAR, Y. Op. Cit., p. 180.

¹⁵⁰ Por Laicidade pode-se tomar diversas direções, como entender a autonomia das coisas terrenas de que fala a Apostolicam Actuositatem ou entrarmos na mentalidade laical no sentido de não-cristão que compreende o homem ou a sociedade puramente secularista e anti-religiosa. “Leigo”, depois da Revolução Francesa, acentuadamente, no séc. XIX, passou a significar, na linguagem extra eclesial, não-religioso.; Cf. SCOPPOLA, P – GRIBOMONT, J. **Laicismo**. IN: DIP. V. Roma: Paoline, 1978, pp.399-421.; BOFF, C. **A dimensão da laicidade da vida Religiosa**. In: REB, set(1994), p. 550, nota 6.

¹⁵¹ FORTE, B. **Laicato** Op. cit., pp. 333-345; Cf. LG 31.

é um direito que assiste a todo o cristão. Pallotti “não podia ter sido mais explícito e, ao mesmo tempo, tão corajoso para aquela época em que a idéia do sacerdócio comum dos fiéis soava como heresia”¹⁵².

É sob esta visão sacerdotal de povo cristão e no “ministério do amor infinito, revelado por Cristo, que temos nas mãos a chave para compreender Pallotti e seu carisma particular”¹⁵³.

3.4

A União do Apostolado Católico

Vicente Pallotti insiste não unicamente na universalidade do apostolado, mas na unidade apostólica; e lhe vem em mente sempre o seu grande ideal: “a recondução de todos os homens à unidade do mesmo rebanho sob um único pastor. Essa unidade será o fruto da propagação da fé e do aumento da caridade”¹⁵⁴. Ele não confunde unidade com uniformidade; reconhece o pluralismo missionário e as diversas formas de evangelização dentro da Igreja. Partindo desse pluralismo de dons, de carismas e, principalmente, de fundações, pensa em pontos referenciais, em organismos de unidade. Na comunidade clerical e religiosa de Roma percebeu que havia muita evasão de forças provocadas por fortes divisões entre clérigos e religiosos e por um distanciamento incomparável entre hierarquia e leigos. Observa quantos agem isoladamente e convence-se que é preciso unir. Unir-se na variedade de meios e formas apostólicas. Mas unir-se essencialmente na caridade. A “caridade..., de muitos corações, forma um só”¹⁵⁵. “A unidade na caridade, uma ação em conjunto, é exigência da comunidade evangelizadora. Ele admite o valor da ação individual na ordem do apostolado. Porém, como que antepondo a *Lumen Gentium* : “Aprouve a Deus santificar e salvar os homens, não individualmente... mas formando com eles um povo...”¹⁵⁶, reconhece, partindo da experiência, que o espírito comunitário exige

¹⁵² RUBIM. A. **Nuestro apostolado en la pastoral de América Latina**. In: Informações Palotinas, set. (1983), p. 91.

¹⁵³ MÜNZ, L. **Sociedade do Apostolado Católico**. In: Informações Palotinas, abril (1983), pp. 5-6.

¹⁵⁴ OO CC III, 174.

¹⁵⁵ “La carità... Che di più cuori ne forma uno solo” (cf. OO CC III, 174)

¹⁵⁶ LG, 9.

uma ação em conjunto¹⁵⁷ e uma grande adaptação. “Tornei-me tudo para todos, diz Paulo, a fim de salvar alguns a qualquer custo”¹⁵⁸. “Ordinariamente, o bem que se faz isoladamente é escasso, incerto e de pouca duração... Ao contrário, para obter a abundância, certeza e durabilidade das obras, requer-se a reunião dos indivíduos e a concentração de forças... Porque os esforços generosos dos indivíduos não fazem acontecer nada de grande, tanto na ordem moral, como religiosa, senão quando são reunidos e ordenados a um corpo comum... É muito importante reunir essa massa dos cristãos”¹⁵⁹. Por isso, a jornada apostólica, para ele, é um mutirão, é um unir forças.

Mas o que fazer? Unir como? Para apressar a unidade evangelizadora dentro da Igreja ele pensa na convocação de um concílio ecumênico. Mas percebe que nas circunstâncias atuais em que se vive, essa idéia parece prematura e hipotética. Então, por que não pensar no desenvolvimento de um organismo apostólico dentro da Igreja para melhor agilizar a unidade e a eficácia pastoral entre clero e leigos, entre padres diocesanos e religiosos?

3.4.1

A inspiração histórica

Vicente Pallotti teve certeza moral de que Deus queria uma fundação de caráter unitário, um organismo moral dentro da Igreja para unir as obras evangelizadoras existentes, uma sociedade apostólica que a batiza com o nome de União do Apostolado Católico¹⁶⁰. Ele foi um daqueles que não extinguiram o Espírito. Homem sensível aos tempos novos¹⁶¹, exorta os ‘verdadeiros católicos’ a cooperarem nos desígnios da Divina Misericórdia “que parece preparar, em silêncio, os meios de uma grande difusão evangélica”¹⁶². Ele fala claramente do dom conquistado por Cristo, de um carisma que recebeu a fim de fundar uma organização. Esta organização, segundo

¹⁵⁷ Cf. OO CC V, I, 228.

¹⁵⁸ 1Cor 9, 22.

¹⁵⁹ OO CC V, I, 228; Cf. BAYER, Bruno e ZWEIFEL, Joseph. (org.). **Documentos da Fundação, Santa Maria: Pallotti, 1996**, pp. 153-154.

¹⁶⁰ Cf. OO CC III, pp. 31-32.

¹⁶¹ Cf. Is 44, 3.

¹⁶² Os verdadeiros católicos devem “cooperar com os desígnios da Divina Misericórdia, que parece preparar, em silêncio, os meios de uma grande difusão do Santo Evangelho e da conversão do mundo” (OO CC IV, 143).

ele próprio diz no seu testamento espiritual, “teve começo em 1834, em caráter privado e entre poucos”¹⁶³. Todavia, a grande inspiração foi na manhã de 9 de janeiro de 1835, depois da missa e de fortes momentos de contemplação. Nesse dia, acredita ter intuído, para toda a Igreja, o homem missionário e apostólico. Ele pessoalmente conta como foi essa grande inspiração.

Deus meu..., vós me concedeis..., na vossa infinita misericórdia..., poder promover, instituir, propagar, aperfeiçoar, perpetuar, pelo menos a nível de aspiração muito viva: 1. uma pia instituição de apostolado universal entre todos os católicos, para propagar a fé e a religião de Jesus Cristo entre todos os infiéis e não católicos; 2. outro apostolado oculto para reavivar, conservar e aumentar a fé entre os católicos; 3. uma instituição de caridade universal, para o exercício de todas as obras de misericórdia espiritual e corporal, a fim de que, da maneira possível, vós sejais conhecido no homem, já que vós sois caridade infinita¹⁶⁴.

Estes foram os três elementos fortes de sua fundação: uma obra missionária universal; um movimento de renovação espiritual e apostólica de toda a comunidade cristã; uma instituição de caridade para satisfazer todas as necessidades sociais da população.

Pallotti, homem atento aos sinais dos tempos, levou muito a sério a inspiração de 1835. Essa data permanece como um marco histórico, núcleo central de sua fundação. Por isso, nesse mesmo ano, ele e seus companheiros de apostolado, “alguns sacerdotes romanos e diversos leigos seculares[...], têm o plano de associar-se, mediante vínculo de competitiva caridade cristã, para a busca da multiplicação dos meios espirituais e temporais capazes de promover a propagação da fé. Unidos, eles desejam ver apressado aquele momento ansiado por todos os bons e predito por Jesus Cristo, momento em que haverá um só rebanho e um só pastor”¹⁶⁵.

Nesse histórico, ficam claros os objetivos centrais da fundação: uma associação de caráter apostólico, colocada sob a proteção da Rainha dos Apóstolos e que, pelos vínculos da caridade, visa, através de todos os meios possíveis, a propagação da fé entre os infiéis e a revitalização das comunidades cristãs¹⁶⁶. Parece que Pallotti quer apressar de todos os modos essa era da unidade. Assim como a vinda de Cristo foi

¹⁶³ Cf. OO CC III, p. 24. BAYER, Bruno e ZWEIFEL, Joseph. (org.). Op. cit, p. 257.

¹⁶⁴ OO CC X, 198-199; BAYER, Bruno e ZWEIFEL, Joseph. (org.). Op. cit, pp. 36-37.

¹⁶⁵ OO CC IV, 1-3; Cf. BAYER, Bruno e ZWEIFEL, Joseph. (org.). Op. cit, p. 39.

¹⁶⁶ Cf. OO CC IV, 8-9. Cf. BAYER, Bruno e ZWEIFEL, Joseph. (org.). Op. cit, p. 46-47.

acelerada pelas orações das pessoas justas: Patriarcas, Profetas e Maria Santíssima, assim hoje deve ser acelerada por todos os meios possíveis a era da unidade. E o meio mais fundamental para apressar a unidade é a evangelização: reavivar a fé e reacender a caridade. Aqui estaria o centro da finalidade de sua fundação. Esse também parece ser o fim da Igreja: “Ide e fazei todas as nações se tornarem discípulas...”¹⁶⁷.

Paredes admira em Pallotti “a grande intuição: conceber de forma unitária, a Missão da Igreja; unitária a partir dos agentes da missão, do seu serviço missionário. Mais tarde o Concílio Vaticano II fez sua essa mesma inquietude”¹⁶⁸. “Há na Igreja a diversidade de ministérios, mas a unidade da missão”¹⁶⁹. A União do Apostolado Católico, no pensar de Paredes, “pretende ser, na Igreja, uma parábola permanente desse axioma... Tenta dizer que é possível levar adiante a unidade da missão, embora os ministérios e formas de vida sejam diferentes na Igreja”¹⁷⁰.

3.4.2

Fundação, natureza e finalidade

Pallotti conta que, lendo na vida da Beatíssima Virgem como os Apóstolos, após a vinda do Espírito Santo, partiram para pregar o Evangelho nas diversas partes do mundo, aconteceu que Cristo pôs na sua mente a idéia da verdadeira natureza e das atividades da Pia Sociedade, com seu objetivo geral de aumentar, defender e propagar a piedade e a fé católica¹⁷¹.

Então, desejoso que os verdadeiros católicos cooperem nos planos da Divina Misericórdia, funda, em Roma, uma ‘pia sociedade secular de fiéis’, isto é, uma associação apostólica constituída pela variedade dos membros do povo de Deus. O que significa? Em 1835, ao fundar a União do Apostolado Católico, ele não cogitou fundar uma ordem religiosa, masculina e feminina ou uma congregação meramente clerical. Queria uma associação que, independentemente de qualquer obrigação

¹⁶⁷ Mt 28,19.

¹⁶⁸ PAREDES, J.C.R.G. Parábola de unidad, carisma y mision em la Iglesia. In: Apostolato Universale. Roma: Citta Nuova, 2001, pp 60-67.

¹⁶⁹ AA, 2.

¹⁷⁰ PAREDES, J.C.R.G. Op. Cit. P. 68.

¹⁷¹ Cf. OO CC III, 27.

especial, movida só por espírito de zelo e de caridade, trabalhe, por todos os meios disponíveis, para a manutenção da piedade e a propagação da fé católica¹⁷². Portanto, “a União é um corpo moral, um organismo de caráter apostólico, uma comunidade de fiéis composta de padres diocesanos, religiosos, religiosas, leigos, leigas de qualquer ordem, estado e condição, que tem por finalidade mover e unir todas as forças apostólicas na Igreja de Jesus Cristo”¹⁷³. Nessa sociedade apostólica não existem excluídos. Todos podem e devem concorrer nos empreendimentos do Apostolado Católico¹⁷⁴.

Esta associação é também uma organização que envolve uma direção, uma parte dirigente que não é vista por Pallotti como um todo isolado, algo independente ou superior, mas forma com a União, uma única fraternidade espiritual. Concretamente, ele, em 1835, convida eclesiásticos e leigos para formar a parte dirigente¹⁷⁵. Quase dois anos depois, sentiu necessidade de um segundo centro coordenador mais seguro e estável. Pensou num grupo de sacerdotes, de irmãos e irmãs que dedicasse tempo integral para unir e animar, não diretamente o Apostolado Católico, “mas esta pia Sociedade de caráter secular de fiéis”¹⁷⁶. Chamou esta parte dirigente de Congregação. Esclarecendo, no entanto, que não se pode confundir a parte pelo todo. O grupo de dirigentes não tem sentido em si mesmo a não ser estar em função de uma associação. É a União do Apostolado Católico que está para animar todas as obras dentro da Igreja e não a Congregação¹⁷⁷ ou o grupo de dirigentes.

A intenção de Pallotti, na fundação da União, “não era tanto de criar uma nova instituição na Igreja de Deus, mas reavivar as que já existiam”¹⁷⁸. A ela compete “promover a multiplicação dos meios espirituais e temporais necessários e oportunos para reavivar a fé e reacender a caridade entre os católicos e propagá-los em todos os recantos do mundo, a fim de que mais depressa venha formar-se um só rebanho, apascentado por um só pastor”¹⁷⁹. E para chegar a isso com mais eficácia propôs

¹⁷² Cf. BAYER, Bruno e ZWEIFEL, Joseph. (org.). Op. cit., p. 157.

¹⁷³ BAYER, Bruno e ZWEIFEL, Joseph. (org.). Op. cit., p. 84.

¹⁷⁴ Cf. OO CC IV, 5, 119-121.

¹⁷⁵ Cf. OO CC V, I, 47.

¹⁷⁶ BAYER, Bruno e ZWEIFEL, Joseph. (org.). Op. cit., p. 340.

¹⁷⁷ BAYER, Bruno e ZWEIFEL, Joseph. (org.). Op. cit., p. 85.

¹⁷⁸ Cf. BAYER, Bruno e ZWEIFEL, Joseph. (org.). Op. cit., p. 45.

¹⁷⁹ OO CC IV, 8-9; Cf. BAYER, Bruno e ZWEIFEL, Joseph. (org.). Op. cit., p. 46-47.

“demolir todo muro de separação entre clero secular e regular e animar um e outro, mediante o sagrado vínculo de competitiva caridade e zelo, bem como empenhar ambos, sempre mais, nas obras do santo ministério evangélico, de forma atualizada, generosa e verdadeiramente humilde, para a maior glória de Deus e para a salvação eterna das almas”¹⁸⁰.

Portanto, um dos principais objetivos na mente de Pallotti ao fundar a União é promover, despertar, movimentar, unir o apostolado quer dos indivíduos, quer das outras associações, dentro da Igreja. Segundo ele, esta pia União

“diz-se do Apostolado Católico, não porque presuma ter em si o Apostolado Católico, não porque presuma ter em si o Apostolado Católico, mas para que venha tornar-se, para sempre, na Igreja de Jesus Cristo como um darim do Evangelho, que a todos chame, que a todos convoque, que em todos os fiéis, de todo o estado, posição e condição, desperte o zelo e a caridade, a fim de que todos, humildemente, respeitem e venerem o apostolado católico instituído por Cristo em sua Igreja”¹⁸¹.

A União foi fundada para estimular todos os fiéis à santificação e, como objetivo último, para proclamar a maior glória a Deus e a salvação dos homens. Perante esses motivos, Pallotti acredita na importância da pia União do Apostolado Católico. Ele a vê como um milagre, “um troféu da Misericórdia Divina”¹⁸². “Que objetivos, que projetos, mais nobres, mais sublimes, mais santos e, ao mesmo tempo, tão piedosos, tão cheios de caridade e tão dignos de um coração cristão”¹⁸³ esses de pertencer à União do Apostolado Católico? E pergunta-se:

“quem não se sentiria honrado em fazer parte de uma tão santa instituição? Se a conversão de um pecador desperta o júbilo e a alegria de todos os espíritos bem-aventurados, que espetáculo não será, então, ver uma multidão de cristãos, reunidos pelo vínculo de zelo, empenhados em tornar Deus conhecido em todo o mundo, empenhados a salvar milhões de pessoas? Ingressar nessa associação é sinal de alegria e de festa”¹⁸⁴.

¹⁸⁰ OO CC III, 2; Cf. BAYER, Bruno e ZWEIFEL, Joseph. (org.). Op. cit., p. 39.

¹⁸¹ OO CC I, 4-5; Cf. BAYER, Bruno e ZWEIFEL, Joseph. (org.). Op. cit., p. 202-203.

¹⁸² OO CC X, 308.

¹⁸³ Idem.

¹⁸⁴ OO CC IV, 413-414.

Mas, a União não é qualquer associação ao lado de tantas outras, não é um movimento, algo que se caracteriza por uma espiritualidade uniforme¹⁸⁵; não é uma forma de Ação Católica. O apostolado da Ação Católica dependia de uma delegação, de um mandato por parte da hierarquia e desenvolvia o apostolado da mesma; não é nenhuma ordem terceira cujos membros estão atrelados ao espírito da ordem primeira, isto é, em nosso caso, aos palotinos, privando as pessoas individualmente de participarem da espiritualidade fundamental de toda a obra de Pallotti; não é qualquer instituto religioso: os padres, irmãos e irmãs não formam sozinhos a União¹⁸⁶. Assim nos fala o Capítulo Geral de 68/69:

“a Sociedade do Apostolado Católico não se considera como algo isolado, mas, pelo contrário, como inserida no todo da fundação de Pallotti. A Sociedade dos padres e irmãos palotinos é parte integrante da União do Apostolado Católico e somente pode cumprir a sua missão apostólica na União. Sem ela os palotinos não realizam sua missão e nem alcançam sua plena identidade”¹⁸⁷.

Por isto, de maior importância não é o elemento puramente palotino, nem propriamente a pessoa de Pallotti, mas a sua fundação. O carisma está na União do Apostolado Católico, sociedade feita de pessoas de qualquer estado ou condição. Nesta universalidade dizemos que a obra de Pallotti não é movimento ou ordem religiosa. Mas, se apresenta como um organismo vivo, em que todas as partes são importantes na promoção das obras de apostolado. É justa a preocupação de tornar conhecida a figura e pessoa de Pallotti. Mas muito mais justa é a divulgação de sua obra. Se ela não for conhecida, priva-se a Igreja do dinamismo de uma fundação importantíssima para os tempos de hoje.

3.4.3

União do Apostolado Católico conceito analógico

Falar de apostolado católico no século XIX era temeridade. Tratava-se de conceito unívoco, algo ligado à estrutura hierárquica. Pallotti não pensou em

¹⁸⁵ Cf. Estatuto Geral da UAC, Introdução Histórica, n.3, parágrafo 1 e 3.

¹⁸⁶ Cf. BAYER, Bruno e ZWEIFEL, Joseph. (org.). **Documentos da Fundação**. Op. cit., p. 26.

¹⁸⁷ CAPÍTULO GERAL (XII) Extraordinário 68/69, nn.1-4, 202-204, in SOCHA, H., Introdução ao Estatuto da União do Apostolado Católico, 2.

movimento laical diretamente. Mas foi essa abertura apostólica na direção de todos, incluídos os leigos, que lhe trouxe sérios dissabores. Se os homens da Ação Católica, Pio XI e Pio XII, pensavam que o apostolado estava ligado à hierarquia, como imaginar diferente nos tempos de Gregório XVI e de Pio IX? Os leigos, nem como prolongamento dos seus braços, podiam sonhar numa ação apostólica. Falar de apostolado católico até esse momento era o mesmo que dizer ‘apostolado hierárquico’, algo que pertencia à estrutura essencial da Igreja.

Mas, então, como este romano pode pensar de modo diferente? Essa virada, como que copernicana de Igreja, faz surgir nuvens tempestuosas no horizonte e Pallotti vê-se em situação difícil. Do lado da Cúria romana, foi acusado de diversas coisas ligadas à sua fundação: primeiramente, querer usurpar uma função que pertence puramente à Igreja. Fazer apostolado é da competência exclusiva da hierarquia e nunca de qualquer associação particular. Em segundo lugar, é apontado de querer uma Igreja dentro da Igreja. Esta última acusação pode ser até verdadeira se entendida como que uma refundação de Igreja, isto é, acender a vida e a espiritualidade da Igreja, das comunidades cristãs, renovando a fé e reacendendo a caridade¹⁸⁸.

Pallotti, mediante essas dificuldades e mesmo por necessidade interna da sua obra, parte para um aprofundamento da noção de apostolado. “Suas idéias teológicas orientavam-se sobretudo em duas direções: na direção das autoridades hierárquicas, frente às quais era preciso aclarar e defender seus pontos de vista, seu carisma; e na direção de todos os cristãos, para mostrar-lhes o direito e o dever do apostolado, exaltando-lhe a beleza e o mérito”¹⁸⁹.

Primeiramente esclarece que não pretende ser o fundador do apostolado católico, mas da União do Apostolado Católico. Esta associação quer apenas colocar-se a serviço do apostolado na Igreja. “Nós não somos o apostolado católico, como os Jesuítas não são Jesus, mas a companhia de Jesus”¹⁹⁰. Sabe-se que o apostolado católico, fundado por Cristo, é de toda a Igreja. Porém, nada impede que uma associação ou a União venha a tornar-se na Igreja de Jesus Cristo, uma voz que

¹⁸⁸ Cf. RUBIN, A. **Horizontes Palotinos**. Santa Maria: Biblos, 2002, p. 83.

¹⁸⁹ Idem.

¹⁹⁰ Idem.

convide, desperte e conclame a todos¹⁹¹. O que há de estranho nisso, se todo o cristão está chamado, pelo impulso que lhe vem da ordem do amor criacional e crístico e por sua própria vocação, a esta tarefa apostólica? Assim esta associação vai dedicar-se, consagrar-se expressamente ao serviço do apostolado católico, isto é, a reavivar e a reacender a caridade em todo o mundo¹⁹².

Partindo da teologia bíblica (Jo 20,21; Eclo 17,12), Pallotti confirma o apostolado universal e a pluralidade dos agentes apostólicos que são tantos quantos são os chamados para a seara do Senhor¹⁹³. Através da visão analógica¹⁹⁴, defende a hierarquia do apostolado: um é o apostolado de Cristo, o apóstolo do Pai, outro é o apostolado dos seus enviados, os Doze. “Assim, o que Pedro faz como vigário de Jesus Cristo é o apostolado de Pedro; e o que faz o sumo pontífice como legítimo sucessor de Pedro é o apostolado do chefe visível da Igreja”¹⁹⁵. Juridicamente atribui a culminância do apostolado ao romano pontífice sobre toda a Igreja e aos bispos nas suas dioceses¹⁹⁶. Porém, não se pode confundir apostolado católico com conceitos unívocos, nem “com aquela suprema missão que existe na Igreja, a suprema missão do Papa”¹⁹⁷. A Sagrada Escritura não limita a ninguém a missão de evangelizar¹⁹⁸. Cristo a dá a quem lhe apraz. E nenhum indivíduo ou organização tem o dom exclusivo do apostolado. Salvas as diferenças, toda a Igreja é apostólica. Por isso, a União é uma das entidades apostólicas que se dispõe a ajudar a Igreja e ao “sumo pontífice nos grandes empreendimentos evangélicos”¹⁹⁹.

Pallotti, olhando para a fundação, parece surpreender-se diante de tão grandioso projeto eclesial e apostólico. Projeto esse que quer cooperar com a salvação do próximo. Utilizar todos os meios possíveis e remover todos os obstáculos para melhor

¹⁹¹ Cf. BAYER, Bruno e ZWEIFEL, Joseph. (org.). Op. cit., p. 202.

¹⁹² Cf. BAYER, Bruno e ZWEIFEL, Joseph. (org.). Op. cit., p. 84.

¹⁹³ Cf. OO CC IV, 260. Esta universalidade Pallotti a busca principalmente na celebração da vocação cristã. “A Igreja, com a celebração da Epifania, nos recorda a primeira manifestação de Nosso Senhor Jesus Cristo ao povo gentio, do qual descendemos e estamos representados pelos Magos” (OO CC VI, I, 160).

¹⁹⁴ Cf. OO CC VII, 6.

¹⁹⁵ OO CC III, 140.

¹⁹⁶ Cf. OO CC III, 185.

¹⁹⁷ OO CC VII, 6-7.

¹⁹⁸ Cf. OO CC, 7-8.

¹⁹⁹ OO CC III, 186.

agilizar a salvação. O bom católico deve saber que o dom mais precioso, nobre, santo e divino é aquele que nos torna cooperadores na salvação²⁰⁰.

A força que movia seu projeto de evangelização era a salvação universal e a glória a Deus. “Deus quer que o homem coopere quanto possa na sua salvação, para que, desta forma, este mesmo homem, valendo-se livremente de todos os dons recebidos, torna-se mais semelhante a ele, Autor da natureza e da graça”²⁰¹. Mas não queria ser o único na realização desse grandioso projeto. Perguntava-se admirado como podia haver gente, dentro do catolicismo, sem nenhuma preocupação com a salvação do seu próximo. Como é possível que pessoas, tendo um pouco de amor e de fé, não busquem todos os meios que sugira a caridade cristã, não disponham de todos os bens e riquezas, de todas as suas capacidades naturais e sobrenaturais para a salvação própria e do próximo, como fins queridos por Deus, como recordação e imposição do Espírito Santo. “Ajuda o teu próximo segundo a tua possibilidade”²⁰². É dever de cada um empenhar-se pela salvação dos amigos, domésticos, familiares; buscar os companheiros nos rincões, nas vilas, nas cidades, nas praças²⁰³.

Pallotti vê na União do Apostolado Católico um instrumento onde todos possam cooperar pela salvação da humanidade. Não basta ‘fazer’, mesmo que todos fizessem o que devessem e pudessem. Mais urgente, segundo Vicente, era o ‘como fazer’. E esse ‘como palotino’ é fazer juntos. Defendendo com veemência a União do Apostolado Católico, ele se fundamenta em experiências comuns, já feitas, que confirmavam a eficácia e fecundidade dessa cooperação²⁰⁴. A cooperação é o ‘como’ do apostolado universal.

Por fim, concluímos que, o nosso trabalho neste capítulo não demonstrou o todo da fundamentação e reflexão teológica Obra de Vicente Pallotti, a União do Apostolado Católico. No entanto, como o nosso objetivo era apenas elucidar alguns pontos mais importantes de sua obra. Mesmo assim, acreditamos que com esta explanação tenhamos conseguido esclarecer o conteúdo de sua obra, pois estes

²⁰⁰ “Não é possível que se perca quem cooperou à salvação dos outros... quem concorre na propagação e manutenção das obras da salvação são recompensados por Deus”. (OO CC IV, 133)

²⁰¹ OO CC IV, 307.

²⁰² Ecl 29,20. Cf. OO CC IV, 310-311.

²⁰³ Cf. OO CC IV, 225-226.

²⁰⁴ Nos escritos de defesa, Pallotti cita vários empreendimentos que os membros da pia Sociedade já realizaram juntos. OO CC V, 137-144.

resultados se tornam fundamentais para o próximo passo do trabalho: As contribuições da União do Apostolado Católico à Igreja em tempos de Mobilidade Religiosa.